

P. Valdomiro N. Burko, OSBM.

A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

Всепримимому

в. Цар. Промышленности

Дому Павловскому в СПб.

всепримимому

автору.

P. Valdomiro N. Burko, OSBM.

A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

*(Tese de especialização jornalística, defendida na
Universidade Internacional de Estudos Sociais
"Pro Deo" em Roma)*

2.^a Edição

CURITIBA
1963

ÍNDICE

Preâmbulo	11
PARTE I — ASPECTO GERAL DA UCRÂNIA E DOS UCRANIANOS	
Artigo 1 — QUE É A UCRÂNIA E QUEM SÃO OS UCRA- NIANOS	15
Posição geográfica	16
Condições climáticas e econômicas	17
População	17
Algumas questões de terminologia (Ucrânia — RUS')	18
Raça	20
Língua	20
Artigo 2 — BREVE ESBÔÇO DA HISTÓRIA DA UCRÂNIA	23
Origem	23
Estado de Kyiv	24
Principado da Galícia e Volynia	26
Estado Cossaco	27
Tratado de Pereyaslav e a trapaça moscovita ..	29
Independência nacional e sua supressão	30
A Ucrânia de hoje	31
Artigo 3 — O CATOLICISMO NA UCRÂNIA	33
PARTE II — EM BUSCA DE UMA SEGUNDA PÁTRIA	
Artigo 1 — A EMIGRAÇÃO UCRANIANA	39
Diversas etapas da emigração	39
Total dos imigrantes no mundo livre	41
Estados de residência e profissão	41

Artigo 2 — O GOVÉRNO BRASILEIRO E AS IMIGRAÇÕES	43
Iniciativa de D. Pedro II	43
A política imigratória do Govérno	43
Leis concernentes ao povoamento	44
Resultados satisfatórios dos esforços do Govérno	45
Artigo 3 — DIVERSAS ETAPAS DA EMIGRAÇÃO UCRA- NIANA PARA O BRASIL	47
Pequenos grupos	47
Emigração em massa	48
Total de imigrantes até a I. ^a Guerra	49
Total de imigrantes após a II. ^a Guerra	50
Artigo 4 — A SEGUNDA PÁTRIA	51
As dificuldades dos primeiros anos	51
Uma vida nova	53
Amor à terra	54
PARTE III — A VIDA ORGANIZATIVA DA IMIGRAÇÃO UCRANIA NA NO BRASIL	
Artigo 1 — A IGREJA UCRAINO-CATÓLICA	59
Diversidade de rito	59
O Rito Oriental e a Santa Sé	60
Ritos Orientais existentes no Brasil	61
Artigo 2 — A VIDA RELIGIOSA DA IMIGRAÇÃO	63
O primeiro missionário e seus labores apos- tólicos	63
Primeiros frutos	65
Novos missionários	65
Total dos fiéis e das igrejas	66
Associações religiosas	67
Artigo 3 — AS ESCOLAS	69
Seminário de São José	71
Ismãs Servas da Imaculada Virgem Maria	72
As Catequistas do Sagrado Coração de Jesus ..	72
Irmãs Catequistas de Sant'Ana	73
Escolas — centro de atividades	73
Estatísticas do setor educativo	74

Artigo 4 — ASPETOS DA VIDA SOCIAL-ECONÔMICA	
DOS IMIGRANTES	77
Vida política	77
Setor econômico	78
Traço moral	79
Artigo 5 — CULTURA UCRANIANA E SEUS REFLEXOS	
SÔBRE A CULTURA BRASILEIRA	81
Língua	82
Associações culturais	82
Imprensa	84
Reflexos culturais	84
Conclusão	89
Bibliografia	93

P R E Â M B U L O

Muito se tem escrito ultimamente, tanto no Brasil, como em todo o mundo, sobre o fenômeno migratório. Aos poucos se está percebendo a necessidade de se formar uma literatura em torno desse assunto de cuja importância, somente agora, os sociólogos e outros estudiosos estão se dando maior conta.

O nosso modesto trabalho não tem outra mira senão a de dar uma contribuição a esse estudo, abordando um tema que nos pareceu pouco desenvolvido e conhecido no Brasil, ou seja o da imigração ucraniana.

A imigração ucraniana no Brasil, além de ser recente e pouco numerosa, está confinada quase exclusivamente nos Estados do Paraná e de Santa Catarina. Este fato é um dos motivos porque o povo ucraniano, apesar de estar aqui no Brasil representado por seus imigrantes que, de boa vontade, vêm colaborando para o engrandecimento da Pátria brasileira, esteja bastante desconhecido nos demais Estados do Brasil.

Dividindo o trabalho em três partes, tivemos em mira facilitar a tarefa ao leitor. Na primeira, damos um aspecto geral da Ucrânia e dos ucranianos, através de um ligeiro esboço histórico e geográfico e um apanhado sobre a cultura e o catolicismo no país.

Na segunda parte, iniciamos o estudo propriamente dito sobre a imigração, numa tentativa de acompanhar o imigrante desde a sua despedida da terra-mãe até a sua definitiva fixação na pátria adotiva.

Na terceira parte, enfim, procedemos a uma análise sobre a vida orgânica da imigração ucraniana no Brasil, procurando individualizar os seus setores. Concluindo, tentamos responder à pergunta: "Qual será o destino desta imigração?" e o fizemos sumariamente, para não fugir aos limites que nos havíamos proposto no início deste trabalho.

☆ ☆ ☆

Antes de encerrar este preâmbulo, queremos deixar consignado aqui o nosso tributo de gratidão a todos aqueles que nos auxiliaram, de qualquer maneira, na realização deste trabalho:

Ao Prof. Dr. Marco Franzetti, que nos orientou na composição desta tese e cuja experiência nos foi de viva utilidade.

Ao Revmo. Padre Josafat João Roga OSBM, que, testemunho ocular de muitos fatos narrados no corpo deste trabalho, e conhecedor da evolução que se processava na imigração, nos foi de inestimável auxílio.

Cabe ao escritório brasileiro do Instituto Nacional de Imigração e Colonização em Roma, uma referência especial pelo apêlo que nos foi prestado pelos seus dirigentes, deixando à nossa disposição valiosos documentos históricos e outras obras de consulta.

Ao Revmo. Padre Rodion Holowackyj OSBM por ter-nos incentivado para a conclusão deste ensaio.

Ao Revmo. Padre Orestes Kupranec OSBM, que conhecedor da vida ucraniana nos Estados Unidos da América e no Canadá, forneceu-nos dados a respeito da mesma, facilitando, ao mesmo tempo, livros para consulta.

Ao nosso amigo Sr. Geraldo Lopes de Magalhães nossos especiais agradecimentos por suas ótimas sugestões.

Finalmente, resta confessar que se esta monografia puder, de qualquer maneira, ser útil, estaremos plenamente compensados do nosso esforço.

O autor.

ROMA, 26 de maio de 1960.

PARTE I

**Aspecto Geral da Ucrânia
e dos ucranianos**

P A R T E I

ASPECTO GERAL DA UCRÂNIA E DOS UCRANIANOS

Artigo I — QUE É A UCRÂNIA E QUEM SÃO OS UCRANIANOS

Antes de iniciarmos o estudo sôbre a imigração Ucrâniana no Brasil, julgamos oportuno dizer prèviamente algo sôbre o país de origem dêsse povo que, em diversas épocas do século passado e do presente, veio fazer parte da grande nação brasileira. Esta rápida reflexão sôbre a Ucrânia e os Ucrânicos não será talvez supérflua, visto que fàcilmente podem ser confundidas duas coisas diferentes: a Ucrânia e a Rússia, o idioma ucraniano e o idioma russo, o povo ucraniano e o povo russo.

Pensa-se, não raro, que a Ucrânia não seja senão uma província russa, formando um todo orgânico com o Estado Soviético, e o povo ucraniano um ramo da grande nação russa, assim como os bávaros e os saxões são ramos de um só povo, que é o germânico. E mais ainda. Até hoje não se esmaeceram de todo algumas opiniões, segundo as quais a Ucrânia e os Ucrânicos são nada mais que uma expressão geográfica, criação política e polémica, tão recente quão fictícia, obra de intrigantes ambiciosos e inconformistas, fruto da fantasia dos entusiastas que celebram um glorioso passado e soham um róseo porvir.

“Mas um povo de quase 50 milhões de habitantes — assinala Luigi Salvini — que resistiu por séculos a tôdas as tentativas de absorção e de assimilação, que demonstrou, na queda da Rússia Tzarista, a sua potência militar e a sua capacidade organizadora, defendendo sôbre 5 frentes, por mais de dois anos, a independência finalmente reconquistada (1); um povo — continua o eslavista italiano — que mantém, através os confins que o dividem, a uni-

(1) em 1918

dade de lingua, de literatura e de espírito; que defendeu sempre, com sacrifício de homens e bens, o ideal pátrio, em todo e o mais longínquo ponto do seu território... êsse povo não é e não pode ser uma “expressão geográfica” (2).

A UCRÂNIA — é uma nação eslava, sita, em linhas gerais, entre os mares Negro e o Asov e o rio Prypiat, entre as planícies húngaras, a fóz do Danúbio e o rio Don. — Os rios Dnieper (em ucraniano Dnipró) e Dnister — nota G. W. Simpson — são, e sempre foram, os limites geográficos centrais da Ucrânia. Embora a área em que se estabeleceram e ocuparam se tenha alargado ou reduzido em diferentes épocas, os ucranianos habitam hoje a mesma região da Europa, que os seus antepassados vinham ocupando por mais de mil anos. A cidade de Kyiv é a velha capital e o tradicional centro da vida cultural da nação ucraniana” (3). — Sendo assim, a Ucrânia confina: ao Sul, com os mares Negro e o Asov; a Sudoeste, com a Moldávia, Rumânia, Hungria e Tchecoslováquia; a Noroeste, com a Polónia; ao Norte, com a Bielo-Rússia; a Nordeste, com a Rússia. A Leste o limite da Ucrânia atinge quase as estepes do Volga e a região caucásica.

Estendendo-se sôbre um território etnográfico contínuo de cêrca de 742.000 Km² e um território etnográfico mixto de 945.000 Km² (4), a Ucrânia não é superada em extensão por nenhum país da Europa. “Sendo a Ucrânia situada entre os paralelos 43° e 53° do Pólo Norte, seu clima nas regiões setentrionais é temperado-frio. Seus invernos são longos e rigorosos, com o sólo recoberto de neve. Nas primaveras os rios correm engorgitados, gorgolejando a água dos degêlos. Enquanto que ao Sul o clima se ameniza. O Sol se aquece. O estio é mais longo. O clima torna-se mediterrâneo. O Mar Negro se anuncia com suas praias piscosas, com as “flechas” de areia e de saibro, retendo por vêzes atrás de si pântanos salgados”, observa Sr. Dalmo Belfort de Mattos (5).

Os geógrafos costumam designar o território ucraniano como um dos mais ricos da Europa em vista dos seus recursos agrícolas e minerais. Abrange êle uma área de “tchornozem” — famosas terras negras das mais ricas do continente europeu — e uma outra de vastas extensões de campos, chamados estepes, onde o sólo, embora fértil, é menos rico. Os principais produtos agrícolas são:

(2) Cfr. “Studi di storia e di cultura ucraina” de Euhén Onatskyt: — Roma (1939), prefácio.

(3) Ukraine — an atlas of its history and geography, Augsburg, 1946.

(4) Cfr. Enciclopédia Ucraniana, München-New York, Vol. I, pg. 23.

(5) Seu artigo “Ucrânia: Problema crucial do Sudeste europeu”, publ. no “Correio Paulistano”, 26-4-1959, pg. 6 (S. Paulo, Brasil).

o trigo, o centeio, a cevada, a beterraba açucareira e a criação de gado. Na produção de trigo, centeio, cevada e beterraba, a Ucrânia ocupa entre os países produtores o terceiro lugar no mundo, ao passo que os rebanhos da Ucrânia normalmente contam em média 8 milhões de cabeças de cavalos, 12 milhões de gado vacum, 12 milhões de carneiros e 10 milhões de suínos. De fato, estes números foram grandemente reduzidos durante o período da coletivização forçada (1929-1935).

Além da cultura de cereais e da produção pecuária, a Ucrânia destaca-se pelas ricas reservas de minerais, sobretudo de carvão, ferro e manganês. Em 1956 foram aí extraídos 137,7 milhões de toneladas de carvão; 43,9 milhões ton. de coque; 17,2 milhões ton. de ferro fundido e 18,3 milhões ton. de aço, cuja grande fundição, um dos maiores conjuntos industriais da União Soviética, acha-se em Zaporoje: esta produz anualmente 2.900.000 ton. de aço, 2.800.000 de ferro fundido e 1.900.000 de laminados (6).

A Ucrânia é ainda um dos maiores produtores mundiais de minério de manganês. Em Nikopil, região do sul, encontram-se as maiores jazidas de manganês do mundo. Existem também, e principalmente em Drohobytch, Boryslav, Stanislaviv e Dashava, poços de petróleo e grandes reservas de gás. No mesmo ano, 1956, a Ucrânia extraiu 4 bilhões de m³ de gás, sobretudo das regiões de Dashava, Opariy e Kalush (7).

Em vista disso os geógrafos e os historiadores não hesitam em chamar a Ucrânia de “celeiro da Europa” (8), e mesmo de “tesouraria do mundo” (9).

POPULAÇÃO — A população da Ucrânia, que na vigília da segunda guerra mundial, isto é em 1939, atingia 49 milhões de habitantes, hoje — em consequência dos grandes e repetidos combates russo-alemães no território ucraniano e, sobretudo, em consequência dos morticínios praticados nas terras da Ucrânia, após a ocupação russa, pelo regime comunista, por fuzilamento, trucidação, morte de fome, deportação e congelação na Sibéria de milhões de ucranianos, particularmente em 1939-41 e 1944-52 — a Ucrânia conta com apenas 41.869.000 de habitantes. 17,7% são russos, 2,0% judeus, 0,9% poloneses, 0,7% bielo-russos, 0,6% moldovanos, 0,5%

(6) Cfr. artigo de Vero Roberti, publ. no jornal “Corriere della Sera”, -6-7-1959, pg. 3, Milano — Itália (art. sob tit. “L’antico spirito cosacco non si è spento a Zaporoje”).

(7) Cfr. D. Vyrnyk et V. Nyzyk: Enciclopédia URSS, 1957 — pg. 654.

(8) C. A. Manning: “The Story of the Ukraine”, New York 1947, pg. 19.

(9) Ellsworth Raymond: “The Encyclopaedia Americana”, New York-Chicago-Wash. DC. 1958, vol. XXVII, pg. 255.

búlgaros, 0,4% húngaros, 0,2% gregos, 0,2% rumânicos. O restante, 76,1% ou sejam 31.852.000, são ucranianos. Se a esta cifra juntarmos mais 5.129.000 ucranianos que se acham em outras Repúblicas Soviéticas, resultará que a população ucraniana, dentro das fronteiras da União Soviética, ou como comumente se usa dizer, por detrás da “cortina de ferro”, é de 36.981.000 habitantes (10). Constitui-se, assim, um povo que se distingue dos demais grupos étnicos, como sempre se distinguiu, pela sua área geográfica, pela sua população, sua língua, cultura e história próprias, e mesmo pelo seu aspecto antropológico-racial.

UCRÂNIA-RUS’ (pronunc. Ruch) — Antes de chegarmos a examinar, ainda que resumidamente, algumas das características que nitidamente distinguem o povo ucraniano dos demais povos eslavos, seus vizinhos, será, sem dúvida, oportuno precisar as idéias sôbre algumas questões de terminologia.

Convém notar, antes de tudo, que a mais antiga e fundamental denominação da Ucrânia e dos Ucranianos foi sempre “Rus’”, “Rus-syn”, “rus’kyi”, como sublinha Miguel Hrushevskiy (11). — O termo “Ucrânia” entrou em uso mais tarde, isto é, quando os príncipes do Estado Moscovita, formado de algumas tribos eslavas, finêsas e outras existentes ao nordeste da Ucrânia, começaram a arrogar-se o título de “Grão-Duques da Rússia”. De fato, já em 1169 o príncipe de Suzdal, André Boholubskiy (avoengo dos moscovitas), consciente da fama que então aureolava o nome “Rus’”, intentava criar ao norte um outro estado sob o nome de “Rus’”. Não teve, porém, êxito. E no mesmo ano, tendo movido guerra contra o Estado de Kyiv, declarou que ia contra “Rus’”, reconhecendo assim explicitamente que o seu principado (Moscou) não era “Rus’” (12). Donde a conclusão, que o Estado de Kyiv, naquela época, era conhecido sob o nome de “Rus’”, enquanto que o Estado Moscovita, como assinala Clarence A. Manning, vinha sendo denominado com o nome de sua capital, isto é, Moscou, até o século XVII (13).

Foi somente durante o reinado de Pedro I (1672-1725), czar do Estado Moscovita, que o nome “Róssia — Rússia” entrou a subs-

(10) segundo a mais recente estatística URSS, 1959.

(11) no início da sua monumental obra (11 vol.) de História da Ucrânia: (cfr. também: M. Hrushevskiy — “A History of Ukraine”, New Haven, 1948, pg. 40/3).

(12) Cfr. Luciano Allaud e Silvio Pozzani: “Ucraina — Cenni storici ed economici” — Milano, 1941, pg. 11.

(13) C. A. Manning: “The Story of the Ukraine”, New York, 1947, pg. 29.

tituir oficialmente a primitiva denominação do reino de Moscou. (14).

A princípio, segundo observam Aillaud e Pozanni (15), o povo ucraniano lutou pela conservação do seu nome, ligado às antigas tradições, mas tendo percebido, finalmente, que Moscou, ao criar uma artificiosa confusão de nomes, ameaçava a sua independência, renunciou com o decorrer dos séculos ao seu nome histórico “Rus’”, adotando um outro, “Ucrânia”, que provavelmente deve significar: “a minha terra”, ou “estado independente”, e que esporadicamente era já em uso desde o começo do século XII (16). Talvez já tenha surgido este novo termo como reação à arrogante tentativa de Boholubskiy. Mais tarde (1597), como observa justamente Ricardo Bondioli, os soberanos da Moscúvia começaram a chamar Moscou de “terceira Roma” e a dar-lhe os novos títulos de “Rússia, Róssia, Rusky”, o que, no entanto, provocou sérios incidentes diplomáticos e até mesmo conflitos com a Polónia, cujos reis, em consequência da união do seu país à Ucrânia, (União de Lublin, 1569), traziam o título de “monarcas da Rússia” (17).

Por conseguinte, a fim de evitar confusão de terminologia, especialmente nos estudos históricos da Ucrânia, alguns historiadores introduziram a seguinte classificação:

Rússia (nome histórico) Rússia (n. histórico) Ucrânia (n. atual).
Moscúvia (" ") Rússia (n. político) Rússia (n. polít. atual)
(18).

É oportuno lembrar também, que havia ainda uma outra terminologia para designar a mesma Ucrânia, como: “Pequena Polónia”, e “Pequena Rússia”. São termos inventados em tempos sucessivos, o primeiro pelos ocupantes poloneses e o segundo pelos ocupantes russos, referindo-se o primeiro à Ucrânia Ocidental (Volynia, Cholm, Galícia, Bucovyna setentrional) e o outro à Ucrânia Oriental.

Como também o termo “Rutênia”, é sinónimo da Ucrânia, sobretudo Ocidental.

(14) Camões na enumeração dos povos europeus distingue os Ucranianos dos Russos, chamando os primeiros Ruthenos e os segundos Moscos: cfr. “Os Lusíadas” — edição comentada por Otoniel Mota, 12.^a ed., pg. 93.

(15) *ibidem*.

(16) A “Crônica Kyiviana” do século XII já menciona o nome Ucrânia.

(17) “Ucraina — terra del pane” — Milano, 1941, pg. 26.

(18) Cfr. P. Athanasius Welykyl, OSBM: “Documenta Pontificum Romanorum” (1075-1953) (Analecta OSBM, series II, sectio III), Romae, 1953, pg. XV.

RAÇA — É fato que, entre os povos da Europa central e ocidental, quase não se usa mais considerar as características antropológicas como características das diversas nações. A mescla contínua, historicamente efetuada na Europa, cancelou, quase por completo, os distintivos originais das raças.

Conseqüentemente, também os ucranianos são uma raça antropológicamente mesclada. Porém, segundo a observação de Estevão Rudnytzkyi (19), essa mescla é específica, antiga e muito diferente da dos demais povos eslavos, como, por exemplo, os poloneses ou os russos.

Segundo a divisão de Denikers, os ucranianos pertencem a assim chamada raça adriática ou dinárica, que constitui a base da raça ucraniana, com 44,5%. Outro forte elemento racial ucraniano é o tipo alpínico, com 22%. Da fusão destes dois tipos resulta o tipo dinárico-alpino ou o assim chamado tipo dináridico, que constitui o 66% de toda a população ucraniana atual (20). — Enquanto que na Polônia e na Rússia prevalece, talvez, a raça európidia-oriental ou báltico-oriental (21).

Damos aqui alguns dados básicos a fim de tornar mais evidente a distinção entre as três nações:

	ucranianos	russos	poloneses
estatura	1,670	1,657	1,654
olhos e cabelos claros	29,5%	37%	35%
olhos e cabelos castanhos . . .	35,5%	41%	36%
olhos e cabelos escuros	35%	22%	29%

Estas cifras, tomadas das estatísticas, bastam para demonstrar que os Ucranianos, mesmo no seu aspecto antropológico-racial, distinguem-se dos demais grupos étnicos, e não são, como às vezes se pensa, Russos polonizados ou Poloneses russificados.

LÍNGUA — Mesmo na suposição que a língua ucraniana não existisse como tal, o exemplo de muitos países, como os Estados Unidos da América do Norte, as Repúblicas da América do Sul, a Confederação Helvética, onde se falam várias línguas, demonstram exaustivamente que o fator “língua” não é essencial para diferenciar as nações entre si. Porém, mesmo sob este aspecto, os Ucranianos estão em condições mais favoráveis, pois possuem e falam uma língua própria.

(19) *L'Ucraina e gli Ucraini*, Roma 1914, pg. 15.

(20) Cfr. *Enciclopedia Ucrainiana*, Munchen-New York, vol. I, pg. 128-9.

(21) Cfr. *Enciclopedia Italiana*, Milano, 1935 — vol. XXVIII, pg. 916.

Desde muito tempo vai-se divulgando pelo mundo a opinião segundo a qual a língua ucraniana é um dialeto polonês dos camponeses, ou um dialeto “pequeno russo” da língua russa. Todavia, as pesquisas filológicas de Miklosich, Jagic, Potebnia, Zytezkyi, Ohonowskyi, Schachmatow, Korsch, Stockyi e muitos outros têm revelado evidentemente que a língua ucraniana não é nenhum dialeto da língua russa ou da polonesa, mas sim, uma língua própria, subsistente por si, equiparada em tudo às duas primeiras na sua genuinidade. Idêntico parecer manifestou a Academia de Ciências de Petersburgo, em 1905, declarando expressamente que o idioma russo e o ucraniano são dois idiomas diversos (22).

No antigo reino ucraniano de Kyiv tiveram origem a assim chamada “Crônica de Nestor”, grandiosa epopéia do Príncipe Ihor, e outros importantes monumentos da antiga literatura ucraniana, cuja língua é moldada sobre a língua eclesiástico-eslava. Esta revela, porém, já no século XI, grandes diferenças lingüísticas que a distinguem da língua russa.

O desenvolvimento da literatura ucraniana, no entanto, foi quase completamente detido pelas invasões tartáricas, que duraram cerca de 5 séculos. Mas teve, depois, um novo e vigoroso surto, em conseqüência da introdução da língua ucraniana popular, que veio paulatinamente substituir o antigo eslavo vulgar.

No curso do século XVIII a literatura ucraniana produziu vários e grandes poetas e prosadores, como Tarás Schewtchénko, Marko Wowntchók, Yossyp Fedkówytych, Iwan Frankó, Mykola Kulisch, Wolodymyr Wynnytchénko e muitos outros. Um vivo movimento literário surgiu na segunda metade do século XVIII originando a formação de duas associações científicas, semelhantes a academias, uma na Ucrânia Ocidental — em Lviv (Leópolis), e outra na Ucrânia Oriental — em Kyiv.

Mas quem domina, desde o comêço, o despertar científico ucraniano de então é o Hryhorij Skovorodá, filósofo, poeta e moralista. O povo ucraniano o chamava de “O bom pai Skovorodá”, enquanto que os críticos confrontavam-no com Sócrates e Diógenes. Era doutíssimo. Estudou os filósofos e os poetas da Hélada e de Roma, da Grécia antiga e da nova mensagem cristã: Tales e Cícero, Pitágoras e Horácio, Sócrates e São Basílio, Plutarco e São Gregório o Grande, Platão e Santo Agostinho. Dos seus estudos nasce um sistema filosófico que sintetiza as doutrinas epicúreas com as de Aristóteles, o cristianismo com as teorias históricas (23).

(22) Cfr. Rudnytzkyi, obr. cit., pg. 16.

(23) Cfr. R. Bondioli: “Ucraina — terra del pane”, Milano, 1941 — pg. 181.

A versatilidade e a riqueza da literatura ucraniana, o desenvolvimento científico que ela favorece, garantem-lhe um dos mais distintos lugares entre a literatura e a ciência eslava daquela época e demonstram claramente que a língua ucraniana não é um dialeto, mas sim uma língua cultural e peculiar, no verdadeiro sentido da palavra.

Todavia, o governo russo que, tendo violado o tratado de Pereiaslav (1654) (24), vinha desde 1667 ocupando e negociando o território ucraniano, empregando desde logo todos os meios para sufocar o desenvolvimento da literatura ucraniana. Mais tarde, com o “Ukas do Tzar” de 1876, proíbe completamente quaisquer publicações em língua ucraniana. Ficou célebre a circular de Alexandre II, publicada pelo Ministro do Interior, o russo Valuiev, segundo a qual o idioma ucraniano “jamais existiu, não existe e não pode existir”. Mas, “não se proíbe aquilo, que não existe” — assinalam Aillaud e Pozanni (25).

(24) Segundo o qual a Ucrânia permaneceria plenamente autónoma, e o tzar moscovita deveria tão somente exercer o seu protetorado sobre a mesma contra a ameaça dos inimigos.

(25) Obr. cit., pg. 8.

Artigo II — BREVE ESBÔÇO DA HISTÓRIA DA UCRÂNIA

Após termos acenado, no artigo precedente, a algumas características que distinguem a nação ucraniana das demais nações eslavas, examinaremos agora o distintivo mais importante de uma nação autônoma — a história, isto é, as tradições e as tendências histórico-políticas que formam as bases de um plebiscito durável, que faz um povo tornar-se uma nação. E' esta tradição histórico-política, principalmente, que vem trazer à nação ucraniana as mais importantes características de independência, ou incondicional direito a esta, quando calcada pelos usurpadores.

A ORIGEM — Alguns historiadores buscam os princípios da história da nação ucraniana em torno de 3.000 anos antes de Cristo, isto é, na "Cultura de Trypil", chamada também "cultura da cerâmica pintada", descoberta na Ucrânia (1880) e que, segundo diligentes estudos, ascende àquela remotíssima época. Todavia, é difícil estabelecer-se o início da formação histórica ucraniana que remonta a uma era tão antiga. A este propósito se exprime o historiador ucraniano Alexandre Choulguine (1): "É inegável que a mencionada cultura existiu no território da Ucrânia (3.000 anos a. C.). Porém, ainda que não rechacemos a hipótese acima, não dispomos de dados reais para afirmar que a cultura da cerâmica pintada servira de base à cultura ucraniana, dado que essa não é especificamente ucraniana, pois desenvolveu-se também na Ásia, Índia, Turquia e China.

Pensam outros, serem os Citas pròpriamente ditos, quem formou o berço da população ucraniana (2). Habitavam êstes, segundo o testemunho do "pai da história" Heródoto (sec. V a.C.), os vales de Dnister e de Boh e o baixo vale de Dnipro. Já o rei da Pérsia, Dario I, deveria ter empreendido contra os Citas, no ano

(1) "Oriente Europeo", revista trimestral del Centro de Estudios orientales, Madrid, 1957, n.º 26, pg. 127.

(2) Cfr. Roger Tisserand: "La vie d'un peuple — l'UKRAINE", Paris, 1933, pg. 2.

de 500 a.C., uma grande expedição com um exército de 700 mil homens. Chegado, porém, até o Dnipró, e sendo aí esalfado pelos belicosos Citas, que talvez desde o século VII-VIII vinham habitando as terras da futura pátria eslava, teve que retroceder. Não se sabe, contudo, se os Citas vieram fazer parte dos eslavos, dado que deveriam ser completamente destruídos ou, segundo alguma narração legendária, absorvidos pelos Sarmatas que também ocuparam as terras compreendidas entre os montes Cárpatos e o Vístula, até o rio Don (3).

ESTADO DE KYIV — Seja como fôr, certo é que terminadas as migrações de várias tribos eslavas (sec. III-VIII d.C.), formou-se nas planícies da URSS de hoje um Estado, conhecido pelos contemporâneos sob o nome de Estado de Kyiv ou “Rus’”. A sua formação é geralmente atribuída a diversos príncipes da dinastia dos Rurikovytschi, de origem normanda, mas é devida sobretudo ao reinado de Oleh Rurikovytsch (879-914), que alargou os confins do Estado de Kyiv até o rio Don a leste e até os Cárpatos a oeste, estendendo, assim, seu reino, sôbre as duas bordas do Dnipró. Seus sucessores conseguiram, mais tarde, levar as fronteiras desse Estado até às fôzes de Kuban a leste e Sián a oeste, e aos grandes lagos e afluentes do Volga ao norte.

Graças ao comércio já bem desenvolvido, sua riqueza e cultura específica, desenvolvida sob a influência de Bizâncio (Constantinopla), então Capital do Império Romano Oriental, o Estado de Kyiv desempenhou nos séculos IX-XII um grande papel na Europa.

Seus principais chefes, sucessores de Oleh e Ihor, foram: Sviatoslav, o Conquistador (964-972), grande guerreiro, que chegou a levar as suas armas até às portas de Constantinopla; Volodymyr (Valdomiro), o Grande (979-1015) (4), que desposou a irmã do imperador bizantino, Anna, e, tendo-se convertido ao Cristianismo, oficializou a religião cristã no Estado de Kyiv. Alcançou assim um grande triunfo para si e para seu povo, tornando-se soberano de um dos mais vastos impérios daquela época. O restante de sua vida passou-a, o famoso Príncipe, difundindo no seu reino a fé cristã, formando estruturas hierárquicas da Igreja Ucrâniana e elevando a cultura do seu povo, pelo que mereceu, como a sua avó Ol’ha (Olga) (5), o título de Santo da Igreja. A sua gloriosa obra foi continuada dignamente por seu filho, o sucessor no trono, Iaroslav, o

(3) R. Tisserand: *ibidem*, pg. 6-7.

(4) Santo, venerado muito na Igreja Oriental.

(5) Espôsa do príncipe Ihor.

Sábio. Este reedificou Kyiv, fazendo dela uma grande metrópole. Construiu muitas igrejas, entre as quais a Catedral de Sta. Sofia, de fama mundial, e o famoso "Portão de Ouro", na entrada da Capital. Fundou escolas superiores, organizou um importante instituto (biblioteca), cuja finalidade era traduzir obras de línguas estrangeiras. Mas o maior feito, ao qual ficou ligado até hoje o seu nome, é a codificação das leis existentes na Ucrânia, "Rus'ka Pravda", que foi o primeiro código de leis escrito no mundo eslavo.

Essa era a época áurea da Ucrânia.

A hegemonia, porém, durou pouco. Após a morte de Iaroslav, o Sábio (1019-1054), um complexo de forças desagregantes internas e externas, guerras intestinas entre os vassallos pela conquista do trono e, enfim, a sempre crescente pressão dos povos asiáticos, que já nos séculos precedentes tinham impellido uma parte da população ucraniana a emigrar do sul para o ocidente (Volynia e Galícia), conduziram, em breve tempo, o Estado de Kyiv à decadência. Em consequência disso, algumas tribos, sobretudo as de diferentes elementos étnicos, conseguiram alcançar a independência. Assim, ao norte obteve sua emancipação Polotzk, com o que passou gradualmente a ser a medula da nação Bielo-Russa. A nordeste consolidou-se Suzdal, primeiro núcleo da nação Russa, formada de uma mescla de elementos eslavos com ugro-finêses (6).

Moscou surgiu mais tarde. É de se notar que tanto em Suzdal como em Moscou, já no começo de sua existência, a assembléia popular desempenhava um papel insignificante. A vontade do príncipe era lei suprema. Enquanto que em Kyiv o poder do Grã-Duque continuava a ser limitado pela influência da sua corte (Druhena), como também pela assembléia geral do povo livre (Vitches) que, segundo sua estrutura quase republicana, gozava de prerrogativas — "sit venia verbo" — constitucionais. Essa liberdade democrática era aí tão fortemente arraigada nos indivíduos, que, por quase todo o tempo da existência do antigo Estado de Kyiv, os Grã-Duques e a nobreza (os Boiarios) tiveram que lutar com o povo pela plenitude do poder. O mesmo não se dava ao norte. A alma do povo russo, diferente em tudo do povo ucraniano, assinala Estevão Rudnytzkyi (7), permitiu a alguns duques russos, já no século XII, abolir o poder da nobreza e introduzir uma forma de governo absoluto. E assim se formou o verdadeiro germe do hodierno império russo.

(6) Cfr. Oleh Martóvytch: "Por la Libertad de Ucrania", Buenos Aires, 1952, pg. 16-19.

(7) Estevão Rudnytzkyi, obr. cit., pg. 18-19.

O PRINCIPADO DE GALÍCIA E VOLYNIA — Com o declínio de Kyiv, devastada fortemente em 1169 pelo príncipe de Suzdal, André Boholubskiy, e mais tarde, isto é, em 1240, capturada pelos mongóis, transferiu-se a vida política e cultural da Ucrânia para a Ucrânia ocidental ou seja, para a Galícia e Volynia. Após haver sofrido várias mudanças de fronteiras e do domínio dinástico, consolidou, enfim, este principado a sua independência sob o governo de Daniel, eminente príncipe, descendente da família reinante em Kyiv. Fundou êle a cidade de Lviv (Leópolis), na qual estabeleceu a capital dos seus domínios. O país alcançou prosperidade relativamente grande; desenvolveu a vida cultural herdada de Kyiv e tornou-se importante fator nas relações do Ocidente com o Oriente europeu.

A partir de então, o novo principado, sob a regência do corajoso príncipe Daniel, o qual em 1253 foi coroado “rei” pelo Papa Inocêncio IV, continuou a opor-se intrêpidamente às terríveis invasões asiáticas. E chegou a tal ponto a sua resistência, que já o Papa João XXII concedeu à Ucrânia de então o título de “*antemurale Christianitatis*”, em reconhecimento dos serviços que na luta contra os tártaros tinha prestado à Cristandade. Mas não havia força que detivesse as horrendas hordas tártaras, que vinham devastando e paralisando o desenvolvimento da vida política e cultural da Europa Oriental.

Os príncipes da Galícia e Volynia, e particularmente o rei Daniel, procuraram alianças na Europa Ocidental contra o comum perigo asiático. O mencionado Papa Inocêncio IV, após entendimentos com o rei Daniel, anunciou até uma cruzada contra os Tártaros, conclamando os povos católicos do Ocidente a apoiarem o rei. Infelizmente, a conclamação do Papa não logrou êxito. E a Ucrânia, como os demais países da Europa Oriental, foi incluída dentro das fronteiras do vasto império mongol, o qual se estendia da Europa Central até o Oceano Pacifico. Foi só com o novo reagrupamento de povos, sob o domínio dos príncipes da Lituânia, que as províncias ucranianas, situadas na órbita ocidental do império mongol, conseguiram libertar-se do contróle político da horda asiática. Todavia a independência da Ucrânia não foi reconquistada. As suas terras foram divididas. A Lituânia ocupou a Volynia, enquanto que a Polônia anexou aos seus domínios a Galícia e as demais terras ucranianas. Seguiram-se longos e duros anos de sujeição do povo ucraniano ao jugo estrangeiro. Tornou-se, êste, oprimente, sobretudo, após a união de Lublin (1569), segundo a qual, tôdas as terras da

Ucrânia passavam para o domínio da Polônia que exerceu sobre elas a sua política de polonização e opressão.

O ESTADO COSSACO — Não estando nem a Lituânia nem a Polônia em condições de proteger o povo ucraniano contra os tártaros-mongóis, que invadiam repetidamente as terras da Ucrânia, devastando-as terrivelmente, deveria a nação ucraniana levantar-se de novo em autodefesa. Mais ainda, os senhores feudais poloneses haviam introduzido entre os camponeses da Ucrânia uma escravidão até então desconhecida. Foi nesta fase que os olhos confiantes do povo ucraniano ergueram-se para a organização de camponeses, pescadores e caçadores armados, chamados “Kosaky” (Cossacos), isto é, “livres guerreiros”. Eram homens que, desejosos de uma vida livre e independente, retiraram-se para as estepes do baixo Dnipro, onde se organizaram, e em 1552, detrás das cataratas do mesmo rio, construíram sua fortaleza, a famosa “Zaporoz’ka Sitch”. Estes corajosos cossacos eram preparados para guerrear contra qualquer inimigo fôsse êle polonês, moscovita, tártaro ou turco. Os mais notáveis organizadores dos cossacos ucranianos foram Ostáp Dachkevitch e o príncipe Demétrio Báida-Vychnevezkyi.

Todo o poder dessa organização estava nas mãos da assembléia geral dos guerreiros. A liberdade individual era grande, mas também estava sujeita à deliberação da Comunidade. Em caso de guerra o supremo oficial (Hétman) recebia o poder ilimitado de ditador.

A criação dêste estado ucraniano, observa G. W. Simpson, colocou a Ucrânia em proeminência na Europa. Diplomatas e representantes de diversos países foram enviados à Ucrânia para estabelecer contato e relações com o novo estado cossaco. Assim, a Ucrânia tornou-se bem conhecida na Europa Ocidental daquela época (8).

De “Zaporoz’ka Sitch” os cossacos organizavam suas audazes façanhas e grandes expedições. A bordo das famosas canoas (tchайky) chegavam furtivamente, pelo mar Negro, até os portos turcos de Constantinopla, de Sinope e outros.

Sob a brilhante chefia do “Hétman” Pedro Konachevitch-Sahaidachnyi os “Kosaky” puniram duramente as fôrças moscovitas em

(8) Cfr. G. W. Simpson: “Ukraine — an atlas of its history and geography”. Augsburg, 1942, pg. 23.

1612-13 — chamados “tempos difíceis” para Moscou; queimaram Sinope e Trebisonda em 1614 e, em 1616, conseguiram libertar milhares de escravos cristãos do mercado crimeu de Kaffa. Em 1621 derrotaram o poderoso exército turco na batalha de Chotyn, e, finalmente, em 1648, após uma série de guerras polaco-ucranianas, bateram, sob a chefia do grande “Hétman” Bohdan Chmelnytzkyi, as armadas polonesas, obtendo para o povo ucraniano, após três séculos de dura provação, a tão aspirada independência nacional (9).

Foram ainda as forças dos cossacos ucranianos que exerceram um grande e decisivo papel nas defesas de Viena e da Hungria, em 1683, contra os turcos.

“Naqueles anos, escreve o “Osservatore Romano” (10), o valor dos cossacos e sua intuição militar eram grandemente estimados por todos os Estados europeus. O Papa Inocêncio XI (beatificado em 1957), nos seus planos de defesa da Europa cristã diante do perigo turco, pensou em organizar as forças dos cossacos ucranianos. Além do amparo moral e do financiamento, o Papa ordenou, por intermédio dos diplomatas pontifícios, a organização no lugar, de divisões separadas de exército cossaco na Ucrânia, destinando para este escopo uma cônica dotação em dinheiro”.

Primeiramente, no início do séc. XV, tratava-se de um núcleo de apenas 3.000 cossacos que deveriam combater sob as insígnias pontifícias. Porém, paralelamente à organização deste corpo, o rei João Sobieski e o imperador da Áustria preparavam-se a assoldar outras divisões de cossacos sob as bandeiras reais.

“Os Cossacos, informava o Núncio Apostólico de Varsóvia, aos 8 de setembro de 1683, devem ser considerados como a melhor infantaria que possa existir contra os Turcos” (11).

Contemporaneamente à luta de algumas divisões de cossacos às portas de Viena, onde tanto se distinguiram, outras tropas cossacas participavam da luta contra os Turcos na Ucrânia, para impedir que estes passassem os confins da Europa indefesa. Calcula-se que nesta última operação bélica foram empenhados não menos de 20.000 cossacos, sob o comando do seu bravo chefe Kunyetzkyi.

O artigo do “Osservatore Romano” finaliza: “A Santa Sé, que auxiliava largamente os Cossacos na luta contra os Turcos, estudava tôdas as operações, destes, e seguia de perto, com grande in-

(9) Cfr. O. Martóvytch, obr. cit., pg. 21.

(10) 12 de setembro de 1958, artigo na pág. 3, intitulado: “I cosacchi ucraini in difesa dell'Europa sotto la bandiera del Papa”.

(11) “I. Osservatore Romano”: ibidem.

terêsse, tôdas as suas lutas para afastar a ameaça turca da Europa cristã, considerando cada vitória dos Cossacos uma vitória própria. E é por isso, que aos 2 de fevereiro de 1684, vencidos os Turcos, oficiou-se no Vaticano uma Capela Pontifícia com solene função religiosa, em agradecimento pelas vitórias dos Cossacos obtidas sobre os Turcos”.

TRATADO DE PEREYASLAV E A TRAPAÇA MOSCOVITA — O Estado ucraniano cossaco, no entanto, encontrou-se em dificuldades para manter a sua soberania. A Polônia hostilizava às suas fronteiras; ameaçavam-no o expansionismo turco, as traiçoeiras agressões tártaras e as ambições do czar moscovita.

Chmelnytzkyi pactua por tôdas as partes. Com os Poloneses, com os Valacos, Suecos, Turcos — até que, finalmente, veio concluir com a Rússia, em 1654, o infausto tratado de Pereyaslav. Este deveria garantir à Ucrânia plena autonomia e liberdade nas relações com os Estados Estrangeiros. Quanto ao czar de Moscou, este, segundo as declarações do tratado, deveria tornar-se protetor da Ucrânia, sem, todavia, ingerir-se na administração ucraniana. Seguiu-se a guerra com a Polônia. Não obstante o tratado firmado e jurado em Pereyaslav, o czar, “protetor” da Ucrânia, assinou com a Polônia, em 1667, um acôrdo, pelo qual a Ucrânia Ocidental (situada à direita do rio Dnipró) vinha sendo entregue à Polônia. Entrementes, na Ucrânia Oriental (à esquerda do Dnipró) os tzares moscovitas já firmavam seu poderio. Em 1659, no entanto, os exércitos do czar ainda foram derrotados pelos ucranianos na batalha de Konotop. Estes, porém, na batalha de Poltava (1709) sob o comando do “Hétman” João Mazepa e de seus aliados suecos, comandados pelo rei Carlos XII, foram superados pelas forças do czar moscovita Pedro I, o qual vinha adotando oficialmente o nome “russo”: “czar russo”, “Império russo”. Contudo, as etapas finais na liquidação do estado ucraniano tiveram lugar somente 55 anos mais tarde, durante o reinado da imperatriz moscovita Catarina II.

No ano de 1764, para substituir o último “Hétman” ucraniano, Círiilo Rozumovskiyi, instituiu-se uma Comissão, dirigida por um delegado russo. Finalmente, em 1775 foi destruída pelo exército russo a última praça-forte dos ucranianos — a famosa “Zaporoz’ka Sitch”.

Quanto às terras ucranianas que ficaram sob o domínio da Polônia, com a última divisão desta, em 1795, passaram em grande

parte ao contrôle da Rússia, enquanto os Habsburgos (Áustria) ficavam com a parte ocidental, a Galícia e a Bucovina.

Assim foram supressos, particularmente no território ocupado pela Rússia, todos os aspectos de autonomia da Ucrânia, ao passo que o povo ucraniano se viu reduzido ao mais baixo nível de sua vida nacional e social. Os confiscos dos bens, as deportações (já desde então) para a Sibéria, as prisões desumanas nos subterrâneos das fortalezas moscovitas, e enfim, as penas capitais, eram amplamente aplicadas aos ucranianos, que, segundo as intenções moscovitas, deveriam transformar-se em russos ou ser exterminados.

O povo ucraniano, porém, não abdicou aos seus ideais. Semelhante ao aço que se quebra mas não se curva, êste povo, embora terrivelmente debilitada a sua fisionomia externa, soube conservar seu espírito; seu caráter nacional.

No século XIX, que se caracterizou pelo surto de crescentes movimentos de libertação e nacionalismo por tóda a Europa, a Ucrânia, ainda que contra vontade de seus usurpadores, levantou-se e rebelou-se também. A fôrça vital da nação, depois de ter suportado um milênio de infortúnios de tóda espécie, manifestou-se sobretudo na cultura intelectual do povo de campo e na rica poesia popular, que motivaram o maravilhoso renascimento da literatura ucraniana naquele século. Sob êste novo aspecto o movimento nacional ucraniano continuou a desenvolver-se até o início da guerra de 1914, para em seguida, logo no princípio da revolução de 1917, apresentar as suas reivindicações. No dia 22 de janeiro de 1918, com o “**IV Universal**”, proclamou-se livre e, de armas em punho, realizou novamente a sua independência nacional.

MAS O JUGO RETORNOU — A independência ucraniana ressurgida, após tantas peripécias e infortúnios, sob a denominação de “**República Nacional Ucraniana**”, infelizmente não teve vida duradoura.

As Potências Centrais, que a reconheceram pelo tratado de Berest-Litovsky, em fevereiro de 1918, assinala W. C. Simpson, tentaram logo explorar as suas provisões de cereais. Os bolchevistas queriam também estender o seu contrôle sôbre o rico território (12). Em conseqüência, movimentos revolucionários de várias espécies agitaram o país.

(12) Obr. cit.

Porém, após alguns anos de guerras contínuas, de penosa e desmedida resistência contra as forças brancas (dos generais Denikin e Wrangel), vermelhas, polonesas, francesas (da Antanta) e tchecoslovacas, a independência ucraniana sucumbia em 1922-23 (13).

Com os seus campos abandonados e aldeias destruídas, com as suas "terras negras" repisadas e estradas arruinadas, giganteadando o espectro da fome no horizonte e ameaçando trazer consigo o tifo, a cólera, a pestilência e a miséria de todo gênero, a Ucrânia a memoranda velha "Rus" que, tempos antes, caíra nas mãos do governo fantoche soviético-ucraniano, importado do estrangeiro com haionetas russas e vermelhas, foi incorporada à União Soviética.

A UCRÂNIA DE HOJE — existe sob a denominação de "República Socialista Soviética Ucraniana", a cujo respeito se exprime exatamente o Sr. Dalmo Belfort de Mattos: "É uma circunscrição autônoma — diz — mas não soberana, cuja Constituição deve respeitar os princípios básicos do marxismo-leninismo. Os negociadores de Yalta reconheceram-lhe o direito de acesso à O.N.U. Foi realmente acolhida, aos 27 de abril de 1945. Exerceu cargos no Conselho de Segurança e no Econômico e Social. Aderiu a várias Organizações Especializadas. "Tal personalidade, prossegue o ilustre jurista brasileiro, "sui-generis" em Direito Internacional, torna-se sujeito "juris-gentium". Mas não lhe confere, de fato, a independência. Nem sequer o "self-government". — Dotada, "de jure", de soberania interna, "ex-vi" da Reforma Constitucional Stalinista de 4.3.1944, dispondo do direito de negociação, e de voto, no quadro das Nações Unidas, proclamada por alguns juristas, como "Estado semi-soberano" — não possui nem a faculdade de modelar as suas instituições, nem, de fato, o "jus secessionis", — o direito à separação, ou à fusão num todo político à sua escolha. Ela (Ucrânia) é — hoje como outrora — conclui o Sr. Belfort de Mattos — um problema candente no Sudeste europeu; um grande agrupamento humano, que espera e que sofre, consciente de suas prerrogativas, mas um tanto descrente da justiça dos homens" (14).

(13) Após cinco anos de existência.

(14) Dalmo Belfort de Mattos: "Ucrânia Moderna e Seus Problemas", artigo publicado por "Correio Paulistano", 3.5.1959, pg. 6.

Artigo III — O CATOLICISMO NA UCRÂNIA

Como já acenamos, foi São Valdomiro, o Grande, quem oficializou a religião cristã no Estado de Kyiv e difundiu a sua prática por todo o território. Mas, da família reinante, a primeira a abraçar o cristianismo foi a Princesa Ol'ha (Olga), espôsa de Ihor e avó de Valdomiro. Antes dela, já haviam-se convertido os soldados do Príncipe e os mercadores, os quais tinham relações freqüentes com o exterior (1). Sendo que os ucranianos receberam o cristianismo de Bizâncio, o rito que adotaram foi, naturalmente, o bizantino.

São Valdomiro fêz com que se batizasse oficial e coletivamente tôda a população nas águas do rio Dnipro, em 988, isto é, antes que se desse o grande Cisma Oriental (1054). Assim, o cristianismo ucraniano, desde o seu início, estava em união com a Séde do Príncipe dos Apóstolos, Roma. A Ucrânia, todavia, já tinha conhecido a S. Sé por intermédio das Legações Pontifícias (974-977) e o seu primeiro Bispo-Apóstolo, Santo Adalberto, antes da introdução oficial da fé cristã em seus domínios (2). Em seguida ao decreto da oficialização, as legações de uma e de outra parte vinham e voltavam, mantendo viva a influência da Igreja de Roma.

Com o auxílio dos fiéis e dos Príncipes, o clero ucraniano procurava a todo custo sustentar inalterados os contatos com Roma. A fim de livrar-se da dependência de Bizâncio, no campo eclesiástico, em 1054 (ano do grande cisma entre Roma e Constantinopla) o Príncipe Iaroslav, o Sábio, nomeou Ilarion primeiro metropolitano ucraniano de Kyiv. Mais tarde, porém, com o extermínio da população e a perda da soberania e, sobretudo, pela incompreensão por parte do Ocidente, o Cisma Oriental não tardou a penetrar também nas terras da Ucrânia, infetando a alma ucraniana já profundamente abalada pelos insucessos materiais e políticos. A sua hie-

(1) Vide "Primi Incatenati" — Livro Branco sobre a perseguição religiosa na Ucrânia, Roma 1953, pg. 5.

(2) *Ibidem*.

rarquia, no entanto, principalmente a da Ucrânia Ocidental (Volynia e Galícia) que permaneceu católica, lutava incessantemente contra o mortífero veneno do cisma. Esforçava-se ela continuamente por concluir uma definitiva e estável união de tódta a Igreja Ucrâniana com Roma, o que, de fato, veio a suceder em 1595-1596, com a famosa União de Berest.

Não obstante os violentos ataques desferidos contra esta Santa União, foi ela quase a única que alcançou resultados duradouros e belíssimos. Não viesse logo depois a dominação russa, êles seriam ainda mais brilhantes. Os três séculos que se sucederam ao ano de 1596, são um hino à União da Igreja, ao Vigário de Cristo, sucessor de Pedro; um hino, porém, escrito com o sangue de milhares de mártires pela União. O mais eminente entre êles foi São Josafat, Arcebispo de Polotzk, membro da Ordem Basiliiana — implantada nas terras da Ucrânia já nos meados do séc. XI.

Infelizmente, seguiram-se tempos difíceilimos para a Igreja Ucrâniana. No curso de um só século (1772-1872) o catolicismo ucraniano foi destruído quase completamente pelo regime moscovita. Permaneceu católica somente a parte que ficou, sob o domínio da Áustria, desde 1772, ou seja, a Ucrânia Ocidental (Galícia com sua capital Lviv), onde, mais tarde, o catolicismo floresceu maravilhosamente.

No entanto, cessado o perigo branco da Rússia czarista, surgiu o perigo vermelho, com a política terrorista e sanguinária do Kremlin, que liquidou, após a ocupação, tódta as dioceses e paróquias ucranianas, assassinando ou encarcerando bispos e prelados, criando um clima de perseguição e angústia, que se tornou insuportável não só para os católicos, mas para todos os credos religiosos.

Um balanço acurado que nos dá o Livro Branco sôbre a perseguição religiosa na Ucrânia, fornece-nos os traços da fúria bolchevista que liquidou os 2.950 sacerdotes seculares e 580 religiosos, existentes em 1939, aprisionando-os ou obrigando-os a refugiarem-se, ou a aderirem ao cisma. 195 casas religiosas foram confiscadas, fechadas ou ocupadas pelos cismáticos russos, tendo sido dispersas as freiras e religiosas. 3.040 paróquias foram ocupadas ou simplesmente canceladas, com o conseqüente fechamento de 4.400 igrejas e capelas. 9.900 escolas primárias católicas, 380 secundárias e 56 superiores transformaram-se em centros de doutrinação marxista-ateu. A imprensa católica desapareceu, assim como 41 organizações católicas e 35 casas editôras. Resistem ainda hoje passivamente, quando não são deportados ou aprisionados,

os 4 milhões e 300 mil fiéis católicos de então, enquanto seus pastôres e guias, os 10 bispos que existiam em 1939, foram todos aprisionados, condenados à morte na prisão ou assassinados (3).
aprisionados, condenados à morte (na prisão) ou assassinados (3).

Não obstante as duras perseguições, a Igreja na Ucrânia ainda vive nas catacumbas e ela sobreviverá, pois, a despeito das perseguições e da trágica história da União de Berest, os ucranianos confiam que virá o momento quando se realizará o ardente desejo do Divino Salvador "Ut omnes unum sint".

(3) "Primi Incatenati", pg. 65.

PARTE II

Em busca de uma segunda pátria

I I P A R T E

EM BUSCA DE UMA SEGUNDA PÁTRIA

Artigo I — A EMIGRAÇÃO UCRANIANA

Oprimidos por todos os meios pelos ocupantes da sua terra, muitos ucranianos procuraram, na medida do possível, transferir-se para outros países, onde existisse liberdade, para aí construir seus novos, plácidos lares.

Mas para onde iria aquêlê colono, que a mór parte de sua vida passara na noite de um atraso medieval; um colono escravizado pelos latifundiários estrangeiros, desprovido quase de tudo e com diversos filhos pela mão?

Agentes navais lhe indicaram. Eram as promissoras terras do longínquo ocidente, além do Oceano, que lhe poderiam oferecer agasalho. — Então, indivíduos isolados ou grupos inteiros abandonavam, se bem que com o ânimo aflito, as suas aldeias, suas choupanas, nas quais viveram seus primeiros anos, para se estabelecerem tanto no Norte, como no Sul do imenso continente Americano.

DIVERSAS ETAPAS DA EMIGRAÇÃO — Levando-se em consideração que a emigração em massa do povo ucraniano conta com mais de 70 anos, cumpre mencionar as suas diversas etapas.

A primeira teve lugar já nos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, em conseqüência da superpopulação agrária e, muito mais, da débil industrialização em más condições sócio-econômicas, resolveram definitivamente transferir-se para além das fronteiras de suas queridas e fertilíssimas “terras negras”. Foram os camponeses, sobretudo, das províncias ocidentais da Ucrânia, então incorporadas ao império Áustro-Húngaro, a tomarem essa decisão. Emigraram para os Estados Unidos, Canadá, Argentina, e Brasil, buscando melhores condições de vida. — “Esperou (o colo-

no oprimido) por um socorro, e o país, o Estado estrangeiro livre, grande e nobre o acolheu” — assinala um historiador ucraniano. E com a alma repleta de gratidão exclama: “Honra e reconhecimento a êsse país, onde o meu povo encontrou refúgio e proteção, onde êle pode viver e gozar da liberdade!” (1).

Na sua nova pátria, os pioneiros agruparam-se em paróquias, construíram escolas, criaram organizações e, mercê da liberdade democrática dos mencionados países, puderam continuar os seus costumes, enraizados no fundo de sua alma, como também praticar a religião no seu rito bizantino-ucraniano (2).

A **segunda etapa** da emigração do povo ucraniano efetuou-se após a Primeira Guerra Mundial. Os motivos eram, desta vez, exclusivamente políticos.

A catástrofe que sofreu o jovem Estado ucraniano (1918-1920) causou um grande êxodo dos ucranianos para o Ocidente. A maior parte, todavia, fixou-se na Tchecoslováquia, e precisamente em Praga, onde se fundaram: a Universidade Ucraniana Livre, Academia de Agricultura, a Escola Técnica Superior e outras. Vários milhares emigraram também para a França, bem como, novamente para os Estados Unidos, Canadá e outros países ocidentais (3).

Terceira e última etapa. O maior êxodo do povo ucraniano deu-se após a Segunda Guerra Mundial. Eram mais de 200 mil, entre operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos, soldados da primeira divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram ao lado dos alemães contra os bolchevistas. — Quanto aos operários, êstes vinham trazidos de várias províncias da Ucrânia, pela administração alemã, para trabalharem na Alemanha durante a guerra. Êstes, como os demais ucranianos que se achavam no território alemão, vencida a guerra contra os soviétes, regressariam tranqüilos para os seus lares. A situação mudou, porém, quando reiniciou-se a luta. Ao ocupar uma parte da Alemanha, os soviéticos automaticamente repatriavam, à força, todos a quem encontravam. Cêrca de um milhão e meio de ucranianos foram assim “repatriados” — transferidos forçadamente para os campos de concentração a fim de alí expiarem, ante a pátria Stalinista a sua “culpa”.

(1) F. Irineu Wihorynskiy, OSBM: vide sua obra “Tracema” (em ucraniano), Prudentópolis, Pr., 1958, pg. 27.

(2) “Para ser Católico não é preciso ser latino”, disse certa vez o Papa Benedito XIV. (Cfr. P. Welykiy A. G., OSBM: Documenta Pontificum Romanorum Historiam “Ucrainae Illustrantia”, Vol. II, Romae 1954, pg. 161).

(3) Vide “Oriente Europeo”, 1957, número 26, pg. 243: “La emigración ucraniana en el mundo libre”, por Yaroslau Steimajiv.

Terminada a guerra, os ucranianos tiveram que resistir ainda à forte opressão dos aliados ocidentais, que se comprometeram em Yalta a repatriar todos os cidadãos soviéticos. Houve, então, até casos de suicídio de pessoas que preferiram a morte à repatriação.

Nos fins de 1945 foi abolida, felizmente, a cláusula da repatriação obrigatória. Sob a proteção jurídica da ONU foi constituída a UNRRA (United Nation Relief and Repatriation Administration), substituída em 1947 pela IRO (International Refugee Organization). Estes organismos ajudaram a sustentar materialmente todos os refugiados e depois auxiliaram a sua emigração para outros países. A maior parte deles seguiu, então, para os Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina e outros países sul-americanos, tendo-se os demais transferido para a Austrália e Nova Zelândia, Inglaterra e outros países do mundo livre.

O TOTAL DOS IMIGRANTES NO MUNDO LIVRE — Com seus descendentes nascidos nos respectivos países de imigração, os ucranianos, no mundo livre, perfazem hoje uma média de mais de 2 milhões de pessoas, a saber: cêrca de um milhão vive nos Estados Unidos, 500 mil no Canadá, 150 mil na Argentina, 120 mil no Brasil, 8 mil no Uruguai e 8 no Paraguai, alguns milhares em outros países latino-americanos, como: Chile, Venezuela, México e Cuba. Na Austrália e Nova Zelândia há mais de 20.000; na Inglaterra 35.000; na França 40.000 e mais de 20.000 permanecem na Alemanha e Áustria (4).

ESTADOS DE RESIDÊNCIA E PROFISSÃO — Nos Estados Unidos os ucranianos localizaram-se principalmente nas zonas industriais de Pensilvânia e Nova Jersey, bem como em vários outros centros, desde Nova Inglaterra até Chicago. Grupos menores encontram-se também nos Estados do Oeste. — No Canadá alguns acham-se nos centros industriais de mineração do Leste e da Colúmbia Britânica; a maioria, porém, procurou os campos agrícolas de três províncias: Manitoba, Saskatchewan e Alberta (5).

Na Argentina os imigrantes ucranianos estabeleceram-se principalmente nas regiões industriais de Buenos Aires e nas terras agrícolas de Misiones, Córdoba, Mendoza e Chaco. — Quanto ao Brasil, êles localizaram-se sobretudo nos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, formando numerosos e

(4) Vide "Oriente Europeo", *ibidem*, pg. 244.

(5) Vide: G. W. Simpson: "Ukraine — an atlas of its history and geography", Augsburg 1946, pg. 24.

florescentes núcleos coloniais e dedicando-se principalmente à agricultura, à pecuária, à indústria, e a outros misteres. “Os ucranianos residentes no Brasil, — escreve uma revista paranaense (7), — revelaram-se, em geral, ótimos trabalhadores, homens sinceros e honestos. Adaptam-se com relativa facilidade ao ambiente brasileiro, esforçando-se por falar a língua nacional e por familiarizar-se com os costumes da nova pátria”. — Ainda que em grande maioria os colonos ucranianos no Brasil se tenham dedicado às atividades rurais, contudo seus descendentes nem todos ficaram a lavrar o campo. Os progenitores, conscientes de que pelos caminhos da pobreza e da ignorância nenhum povo chegou à vitória da autodeterminação, procuraram educá-los em Universidades e encaminhá-los às profissões liberais. Vários filhos e netos daqueles colonos encontram-se hoje a exercer quase tôdas as profissões nos vários setores da vida política, econômica e social do Brasil.

(7) “Panorama”, Fevereiro 1959, Número 81 — Curitiba, Pr.

Artigo 2 — O GOVÊRNO BRASILEIRO E AS IMIGRAÇÕES

O progresso do Brasil começou, pode se dizer, quando D. Pedro II, restabelecida a paz e, serenados os ânimos divisionários, pôde dirigir tôdas as fôrças vivas do país para o caminho de sua independência econômica.

Saído de um longo domínio colonial, sem indústrias e com uma estrutura agrícola muito precária, achava-se o Brasil na fase passiva de absorção dos produtos estrangeiros para satisfazer às múltiplas necessidades de sua sociedade em formação. Daí é que se nota, até 1806, e mesmo até os primeiros anos do Império, um excesso de importação sôbre a exportação na balança comercial. Iniciada a segunda fase, ou seja a da produção, a situação aos poucos vai se transformando até permitir, mais tarde, um comércio de exportação ativo que começa a favorecer o equilíbrio financeiro.

Não se pode dizer, com precisão, que esta reviravolta, ou melhor evolução, tenha sido provocada apenas pela colonização ou ajuda do braço europeu imigrado. Tem-se contudo de reconhecer que foi êste um dos fatores preponderantes e que o desenvolvimento brasileiro tenha encontrado aqui o seu ponto de apóio. Ciente dessa poderosa ajuda, foi justamente D. Pedro II quem iniciou, com melhor sucesso, uma política imigratória, destinada a trazer para o Brasil e conservar no país o elemento estrangeiro útil à formação da nossa economia, quando não da própria raça brasileira.

A POLÍTICA IMIGRATÓRIA DO GOVÊRNO — Historiemos, de relance, como se deu a política imigratória no Brasil, primeiramente no tempo do Império, e depois, durante a República.

Um decreto baixado por D. Pedro II, nos primeiros tempos do seu Govêrno, pode ser considerado como primeira lei orgânica para a fundação de núcleos coloniais no país. O decreto estabelecia que as colônias fôssem divididas em lotes urbanos e rurais de diversas extensões, devendo êstes últimos ser cedidos aos imigrantes por um preço modicíssimo, depois de livre escôlha. Tais lotes deveriam ser ainda prèviamente desbastados, cercados e providos de uma casa provisória, de instrumentos agrícolas necessários e de

sementes. De tudo isto seria debitado o colono que saldaria a sua dívida em prestações anuais, a partir do terceiro ano. Além disso, os colonos receberiam ainda do Governo, por alguns dias, o mantimento, um subsídio para cada pessoa da família e o salário adiantado de 15 dias por prestação de serviço nos trabalhos de utilidade comum. Este decreto, inspirado nos conceitos liberais práticos, foi posteriormente revigorado e aperfeiçoado pelo Ministro Calmon, autor da Lei sobre o povoamento do solo, com outras benéficas disposições.

Numerosas colônias surgiram assim, especialmente em Santa Catarina, a tal ponto que em 1876 já haviam sido estabelecidas 12 colônias pelo Governo Imperial, 15 pelos governos provinciais e 25 por proprietários de terras, perfazendo uma população complexiva de 50 mil almas. Durante esta época, os proprietários de terras e principalmente os latifundiários continuavam a servirem-se ainda do braço dos escravos africanos, apesar de ter o Brasil aderido, desde 1830, ao acôrdo europeu para a abolição do “puxão”, promulgando, em consequência, uma lei que ficou por muitos anos sem aplicação prática.

Com a abolição da escravatura, em 1888, tornou-se mais premente o problema da imigração européia, para cuja solução o Governo estabeleceu uma série de disposições, tendentes a interessar o imigrante e a facilitar o seu acesso. Instituiu, assim, uma Hospedaria na Ilha das Flôres, na Baía de Guanabara, onde os imigrantes deviam ser abrigados e mantidos gratuitamente, até que chegassem ao seu local de trabalho nas colônias ou fazendas privadas.

Foi nos primórdios do vigente regime republicano que a política de imigração e colonização teve o seu pleno desabrochar. Um decreto do Governo provisório, baixado em Junho de 1890, que vigorou por quatro anos, regulava a entrada dos imigrantes, concedendo-lhes passagem gratuita com subvenções consequentes às Companhias marítimas para o seu transporte e distribuindo aos recém-chegados lotes de terras nas colônias estabelecidas pelo Governo Federal, de acôrdo com as Administrações estaduais. Esse serviço era desempenhado pelo Inspetorado Geral de Terras e Colonização, em colaboração com delegacias dos respectivos Estados.

NOVAS LEIS CONCERNENTES AO POVOAMENTO — Quando a administração do serviço de imigração passou, mais tarde, para a esfera estadual, começaram a aparecer dificuldades e o serviço tornou-se inorgânico. Em consequência, o Governo Federal promulgou, em 1907, novas leis concernentes ao povoamento do

solo, pelas quais a administração do serviço de imigração voltava para a alçada direta da União, de comum acôrdo, porém, com os Governos estaduais.

Um dos artigos dessa lei considerava imigrantes os estrangeiros de menos de 60 anos, de constituição física sadia e de moralidade exemplar, desembarcados com bilhete de terceira classe, custeados pelo Governô Federal ou pelas emprêsas particulares. Assegurava completa liberdade de trabalho, de pensamento e de culto, como ainda a fruição de todos os direitos civis atribuidos pela Constituição aos brasileiros. Pela mesma lei era considerada e aprovada a fundação de colônias, quer criadas pelo Governô Federal, quer pelos Poderes estaduais, ou pelas Companhias Ferroviárias, emprêsas e sociedades particulares, estabelecendo, ao mesmo tempo, normas peculiares para a colonização. Regulava ainda a entrada dos imigrantes, garantindo-lhes o pagamento da viagem de terceira classe em navio, desde o pôrto de embarque até ao de desembarque; providenciava a sua recepção e manutenção desde a chegada ao pôrto de desembarque até ao prosseguimento da viagem para as localidades e colônias por êles livremente escolhidas (1).

Nos anos subsequêntes essa lei veio a sofrer algumas modificações, sobretudo pelos sucessivos decretos de 1911 e 1921, sendo uma das mais importantes e últimas modificações a referente à abolição da viagem paga antecedentemente.

RESULTADOS SATISFATÓRIOS DOS ESFORÇOS DO GOVERNÔ — Tôdas essas providências, reguladas por leis e executadas quer pelo Poder Federal, quer pelos Governos estaduais, primeiramente no tempo do Império e posteriormente no período republicano, determinaram uma compacta corrente imigratória desembarcada no território brasileiro, embora nem sempre fôsse homogênea e apresentasse disparidade na contribuição de várias nacionalidades.

Segundo as estatísticas do Governô, o número dos imigrantes desde 1820 até 1924 foi nada menos que 4.120.000 almas, sem levar em conta seus descendentes e os estrangeiros que se naturalizaram (2).

(1) Cfr. L. Bortolotti: "Alcune verità sulla Emigrazione Italiana" — Milano 1953, pg. 79.

(2) Hoje, a atitude do Governô brasileiro com respeito às imigrações não é nada menos favorável, dado que só nos anos de 1944-1957, 574.000 emigrantes, partidos da Europa, América, África e Ásia, em busca de terra liberal, muito fértil e aberta aos pioneiros, vieram a estabelecer-se no Brasil: (Cfr. o "Boletim do Ofício Comercial do Governô Brasileiro em Roma"; Janeiro-Fevereiro-Março de 1960, à pág. 4).

A esta altura, seria talvez interessante fazer uma breve referência quanto às regiões que foram escolhidas pelos imigrantes para ali se fixarem. Por razões de clima, fertilidade do solo e outras, que seria fastidioso relembrar, a imigração européia no Brasil concentrou-se, quase na totalidade, nos estados meridionais. Em São Paulo domina o elemento italiano, realizador e cheio de vivacidade latina. Santa Catarina foi preferida pelo alemão, que, talvez menos rico em sensibilidade do que o italiano, é, em compensação, perseverante, organizador, metuculoso, técnico e industrioso. No Paraná, o elemento estrangeiro preponderante foi o eslavo, sobretudo o polonês e o ucraniano. Enquanto que no Rio Grande do Sul verificou-se uma espécie de equilíbrio entre italianos e alemães, o que originou um tipo de civilização tanto agrícola como comercial.

Contudo, o elemento europeu não só foi fundamental para o desenvolvimento e o progresso econômico do Brasil, mas apresentou, também, uma eficaz contribuição para a criação do tipo brasileiro, em cuja formação étnica sua influência foi muito mais decisiva do que a de outras raças.

Artigo 3 — DIVERSAS ETAPAS DA EMIGRAÇÃO UCRANIANA PARA O BRASIL

Um dos pontos controvertidos, ou antes, pouco esclarecidos, pela ausência de documentos com que se tem de defrontar quem escreve a história da imigração ucraniana no Brasil, são justamente os seus primórdios.

A maioria dos autores fixa o ano de 1895 como ponto de partida da referida imigração, e é porque foi neste ano que chegou ao Brasil a primeira grande leva de ucranianos, vindos da Galícia (Ucrânia Ocidental) em busca de terras ubertosas do sul do nosso país. No entanto, sabe-se hoje, com certeza, que já em 1891, 1892 e 1893 casos de imigração ucraniana se tinham verificado, ainda que seja de indivíduos ou de poucas famílias. Pode-se remontar ainda a uma época anterior, pois, segundo o testemunho do Padre Rafael Krynitzkyi, da Ordem de São Basílio Magno, — um dos primeiros missionários entre os colonos ucranianos no Brasil — encontrou-se êle, em 1914, com uma família ucraniana em São Paulo, cujo chefe — de nome Nicolau Morosovytsch — como relata o citado religioso, havia chegado ao Brasil 42 anos antes, i. é, precisamente em 1872, indo diretamente para São Paulo. “Era um velhinho — escreve o Padre Krynitzkyi, que consumiu tôdas as suas forças trabalhando nas fazendas de café” (1).

Mais ou menos por essa época, ou seja, em 1876, registrava-se a chegada de outro pequeno grupo de imigrantes ucranianos, em companhia de alguns poloneses. Provinham êles do Sudoeste da Ucrânia, precisamente dos Cárpatos Ocidentais, e estabeleceram-se em Curitiba. Êstes, no entanto, como os outros vindos antes de 1891, não podem ser tomados como referências históricas, seja pela falta de documentos comprovantes, seja pelo fato de serem indivíduos isolados, que provavelmente teriam se fixado em outros países da Europa antes de virem para o Brasil.

(1) Cfr. P. I. Wihorynskyi, OSBM: “Iracema”, Prudentópolis, 1956, pg. 38.

Os primeiros colonos, ao que se deduz, mesclaram-se com os habitantes do lugar, de modo que hoje constam apenas os seus sobrenomes na lista do grupo de primeiros imigrantes eslavos no Paraná. Além disso, essa lista refere simplesmente que eram “grego-católicos” (2). De fato, os ucranianos católicos eram assim chamados, por terem recebido o cristianismo através de Bizâncio, no séc. X (3).

Em 1884, mais um pequeno grupo de imigrantes ucranianos chegava ao Brasil, vindo de Cholm, Noroeste da Ucrânia Ocidental. Também estes, como os antecedentes, desapareceram na mescla das raças.

O primeiro grupo maior que contava com 8 famílias, proveniente da Galícia Oriental, desembarcou no Brasil em 1891. Detiveram-se os seus componentes, por algum tempo, em Curitiba, passando depois para a colônia Santa Bárbara, perto de Palmeira, entre Curitiba e Ponta Grossa, e aí estabeleceram-se definitivamente. Estes são reconhecidamente os primeiros imigrantes ucranianos no Brasil.

No ano de 1892 a chegada de colonos ucranianos para o Brasil registrava-se com maior freqüência. Entre os vindos nesse ano apontam-se alguns da Ucrânia Oriental, que fugiram de sua pátria ocupada pelos russos.

Nos anos de 1893 e 1894, devido ao estado revolucionário em que então se encontrava o sul do Brasil, o movimento imigratório arrefeceu-se, para no ano seguinte, com a calma e pacificação sobrevindas tomar proporções e agigantar-se como nunca antes.

A IMIGRAÇÃO EM MASSA efetuou-se propriamente nos anos de 1895 e 1896 e daí por diante. No primeiro destes vieram da Galícia cerca de 5.500 ucranianos. Desembarcaram no porto de Paranaguá, daí seguiram para o planalto paranaense e para regiões do Estado de Santa Catarina, fundando núcleos coloniais que até hoje subsistem.

Dos que chegaram em 1896, todos vindos diretamente para o Paraná, 2 mil imigrantes fixaram-se na colônia de Água Amarela (hoje Antônio Olinto), 80 famílias em Jangada (União da Vitória), 200 famílias procuraram Iracema, região que mais tarde seria anexada ao Estado de Santa Catarina, 800 famílias estabeleceram-se nos arredores das cidades de Marechal Mallet e Dorizon e 1.500

(2) Cfr. P. I. Wihorynskyi: *ibidem*, pg. 39.

(3) Também os gregos naquele tempo ainda eram católicos, pois o cisma só se deu mais tarde, em 1054.

famílias, aproximadamente 8 mil pessoas, foram residir em Prudentópolis e seus arredores (4).

Nos anos subseqüentes, 1897-1899, desembarcaram no Paraná mais 300 famílias ucranianas que posteriormente se fixariam nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Nestas proporções, já no começo do século atual, a imigração ucraniana no Brasil chegava a contar cerca de 24 mil pessoas, não se levando em conta um grande número dos que pereceram num incidente marítimo, ou que foram vitimados por fortes epidemias quando ainda na Ilha das Flores aguardavam seu ulterior destino; mais 2 mil colonos também caíram vítimas de epidemias, apenas estabelecidos nos respectivos núcleos e outros foram massacrados por índios ou pereceram de outros infortúnios.

De 1901 a 1907 a imigração ucraniana decresceu em ritmo. Nestes anos a média de pessoas que entravam no país, provenientes da Ucrânia, era de 700 a 1000. O Estado preferido era ainda o Paraná, sobretudo o núcleo de Prudentópolis, que em 1905 recebia mais 250 famílias. Alguns, no entanto, procuraram os Estados vizinhos.

Mais uma onda de imigração em massa dava-se a partir de 1908 até 1914, constituída sempre, na sua maioria, de oriundos da Galícia. Serviu de motivo para esta nova grande leva a campanha brasileira para a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul. Vendo a oportunidade de trabalho, com a requisição em massa de mão-de-obra, milhares de ucranianos deixaram o seu país, para obterem no Brasil melhores condições de vida e, se possível, terras baratas.

Formaram-se, então, novos núcleos coloniais nos Estados do Paraná e de Santa Catarina, como também no Rio Grande do Sul, onde se podem citar: Guarani, Campinas, Ijuí, Jaguari e Erechim.

De um total de vinte mil imigrantes chegados em 1908-1914, sabe-se que 18.500 fixaram residência nos Estados de Paraná e Santa Catarina, indo os restantes para o Rio Grande do Sul e outros Estados. E assim, a imigração ucraniana no Brasil até 1914 elevava-se a 45.000 pessoas (5).

Após a Primeira Guerra Mundial a imigração de ucranianos voltava a arrefecer-se. Desta vez o declínio era motivado também

(4) Cfr. Sr. Nicolau Hetz: "Os Ucranianos no Brasil" — art. publ. no Livro Jubilar (1894-954) "Ukrainians in the Free World", Jersey City, New York 1954, pg. 233.

(5) Cfr. N. Hetz: *ibidem*.

por razões políticas. De qualquer modo, o número dos chegados para o Brasil até a Segunda Grande Guerra não ultrapassou a cifra de 9.000 almas.

Em seguida a esta guerra, ou seja, a partir dos meados de 1947 até 1951, mais de 7 mil imigrantes ucranianos foram registrados em nossos portos. Dentre os chegados nessa época é de se notar a presença de muitos intelectuais e estudiosos. A maioria desta vez, dirigia-se para São Paulo, não faltando entretanto os que continuavam preferindo o Paraná ou o Rio Grande do Sul. Grupos menores estabeleciam-se também nos Estados de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Chegados a este ponto, ou seja, ao balanço da imigração ucraniana no Brasil durante 65 anos, temos a registrar a vinda de um total de 60 mil pessoas que, com seus descendentes nascidos já neste país, perfazem uma étnia de 120.000 indivíduos, dos quais 100 mil acham-se no Estado do Paraná.

No fêcho deste artigo, será interessante apontar os municípios brasileiros que mais imigrantes ucranianos receberam.

O primeiro é, sem dúvida, Prudentópolis, no Estado do Paraná, seguido de Pitanga, Ipiranga, Curitiba, União da Vitória, Vera Guarani, Dorizon, Marechal Mallet, Cruz Machado, Ponta Grossa, Irati, Lapa, Antônio Olinto, São José dos Pinhais, Araucária, Apucarana, Londrina, Maringá, Campo Mourão, Roncador, Mamburê, Foz do Iguaçu, Cascavel e outros. No Estado de Santa Catarina: Itaiópolis, Papanduva, Canoinhas, Três Barras, Mafra. No Rio Grande do Sul: as colônias de Guarani, Ijuí, Jaguarí e Erechim. Enquanto que no Estado de São Paulo os imigrantes centralizaram-se quase todos na Capital e seus arrabaldes.

Artigo 4 — APESAR DAS DIFICULDADES DOS PRIMEIROS ANOS A SEGUNDA PÁTRIA GARANTIU AOS IMIGRANTES UM PORVIR SEGURO

Ao desembarcar no Brasil, o imigrante que vinha da Ucrânia deveria provar suas primeiras decepções e amarguras.

Que doloroso contraste entre o que êle sonhara antes e a realidade que sobreveio depois! Durante a viagem a sua imaginação ansejava por antever coisas maravilhosas, por vislumbrar no horizonte, que ficava além das águas do Oceano, um mundo resplendente, onde tudo era novo, radiante, fácil... Fugia êle das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vêzes, da própria fome. E, navegando, entusiasmava-se de poder, dentro em breve, estar longe de tudo isso. Logo êle construiria, no seu vasto quinhão de terra virgem e fértil, a sua nova casa branca, onde reuniria todos os pertences, onde às tardes esperá-lo-iam voltar do trabalho a mulher tranqüila, com o "borshtch" (1) fumegante na mesa, e os filhos crescidinhos, sadios e alegres, tentando falar uma língua nova que aprenderiam na escola, quiçá estranha, mas sempre tão doce de ouvir e de falar. — Tudo isso se lhe pintava na imaginação às tardes, no alto-mar, quando o navio, que o transportava para o novo país ia singrando vagaroso as águas do Atlântico.

AS DIFICULDADES DOS PRIMEIROS ANOS — Ao chegar a seu destino, o imigrante percebeu logo que o belo trama de sua imaginação deveria ceder à realidade muito outra, distinta, bem diversa da que sonhava. Êle deveria passar, antes de tudo, por uma nova série de dificuldades, até que aos poucos, com a perseverança e tenacidade, que são o único caminho da autoafirmação, atingisse aquilo com que havia sonhado, quando deixara a sua amada aldeia na pátria longínqua, e quando viajava no alto-mar.

(1) Sôpa típica ucraniana, de sabor azedado, feita com beterraba vermelha, repólho, pedacinhos de carne, batatinha etc.

De fato, os primeiros imigrantes que aportaram no Brasil tiveram que superar dificuldades iniciais bem áspers. Sem auxílios técnicos necessários, foram muitas vezes, designados, quais novos bandeirantes, para desbravar regiões incultas; “sem ferramentas para o trabalho, sem sequer facões para abrir picadas” — frisa o Sr. Moacyr de Moura Cordeiro (2).

Desconhecendo por completo a língua do país, tiveram ainda que enfrentar dificuldades de transporte e escassez de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Vieram quase desprovidos de recursos, com pouca economia, e já ao desembarcar vinham as primeiras provações. Nem o Governo do Brasil, que naquela época era ainda uma nóvel república, achava-se em condições de encaminhá-los a uma vida mais fácil. As revoluções intestinas que marcaram os primeiros anos do novo regime não permitiam que a administração pública desse muita atenção aos problemas menores. A crise financeira que sobreveio com a República, e antes ainda, com a libertação dos escravos, impedia qualquer ajuda mais adequada aos imigrantes que chegavam por essa época.

Apesar da enorme reserva de suas riquezas minerais e vegetais, de todos os coeficientes para se tornar uma nação grande e economicamente poderosa, capaz de prover a tôdas as suas necessidades e abarrotar ainda o mercado mundial com suas matérias primas, o Brasil ainda se achava no início de sua libertação econômica. Lutava êle com a deficiência de braços para o trabalho, de financiamento para a instalação de grandes indústrias, sendo ainda atingido pela instabilidade da economia internacional que, por essa época, obrigava o Governo a tomar severas medidas financeiras.

A assistência do Governo limitava-se, pois, ao pagamento de transportes marítimos e terrestres até ao destino definitivo, a uma pequena ajuda financeira nos primeiros dias e à distribuição quase gratuita de lotes para aquêles agricultores que se mostravam capazes e dispostos a cultivá-los.

Alguns colonos e entre êstes, naturalmente, os das primeiras imigrações ucranianas, encontraram maiores dificuldades do que os outros, como, por exemplo, os imigrantes alemães que os precederam ou sucederam, e que foram residir em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como muitos outros que se estabeleceram

(2) Vide o jornal “Prácia”, 1956, n.º 32-33, pág. 2; número especial publicado por ocasião dos festejos do Cinquentenário da instalação de Prudentópolis.

nas terras cafeeiras do Estado de São Paulo. Nem podiam os imigrantes ucranianos pedir apóio de seus cônsules, ou embaixadores, pois não os possuíam. Eram filhos de uma grande nação, sim, mas sem govêrno próprio... Únicas pessoas que se preocupavam com a sua sorte e lhes serviam de guias, de companheiros e mesmo de pais, eram os sacerdotes, os zelosos missionários ucranianos, que quase desde os primeiros anos da imigração, seguindo também para o Brasil, aquí os assistiam, confortando-os espiritual e moralmente, e, na medida do possível, também materialmente.

Para o cúmulo de desventura, muitas vêzes êsses colonos, e particularmente os que foram residir em Santa Catarina (Itaiópolis, Iracema, Costa Carvalho e Moema), eram assaltados nos seus núcleos e não raro trucidados pelos índios Botocudos, que habitavam nas proximidades daquelas regiões. Outras vêzes, grassavam graves epidemias, espalhando a morte. Havia épocas em que faleciam até 15 pessoas por dia. Tudo isso levava o colono à crise moral, e era então que alguns entregavam-se ao desespero, à bebedeira e à loucura, chegando, às vêzes, a vender seus próprios filhos.

UMA VIDA NOVA — Passaram-se, porém, os anos e com êles as primeiras dificuldades.

O exemplo de fôrça moral e de constância deixado pelos pioneiros da colonização, serviu para animar seus filhos e outros imigrantes que chegavam cada vez mais numerosos, e sempre dispostos ao trabalho. O caminho já estava mais ou menos aplainado e o mais difícil já tinha sido feito.

Começaram, então, os colonos a construir suas casas. Eram a princípio uma combinação esquisita de humildes vivendas européias com as choupanas caboclas. Mais tarde, porém, surgiram lindas e confortáveis casas brancas. Fizeram também as suas roças, plantando milho, feijão, trigo, centeio, arroz, café e nas hortas próximas à moradia uma rica variedade de verduras.

Formaram-se comunidades construindo igrejas e escolas, oferecendo assim, com amor, o seu quinhão para o desenvolvimento do Brasil. Compreenderam, então, que o sacrificio que haviam feito no passado, bem como o de seus predecessores não fôra inútil.

“Perceberam os imigrantes — observa o Sr. Moura Cordeiro — que trabalham para o enriquecimento de uma grande pátria, agora também sua, pois no Brasil teriam de viver o restante de seus dias, vendo nascer e crescer seus filhos, derramando seu suor, pro-

duzindo riquezas e desfrutando amor e amizade numa terra livre e carinhosa” (3). “Iniciando a colonização — recorda por sua vez o Sr. Rafael Kulisky, deputado paranaense de origem ucraniana — os imigrantes tiveram que sustentar uma luta, sem exagero, dramática, cujos lances são hoje narrados por aquêles pioneiros com verdadeira emoção. O povo de então escreveu páginas dignas de serem inscritas com letras de ouro na nossa história. Vivendo em barracas, mal alimentados, enfrentando matas virgens, infestadas de cobras venenosas, fustigados pela inclemência do clima, souberam honrar a hospitalidade da nova pátria, que seria, como é, a pátria querida dos seus filhos e netos. Aqui encontraram a fertilidade e a exuberância das terras e, o que é mais importante, a liberdade e a fraternidade do povo brasileiro. No céu, o Cruzeiro do Sul a simbolizar o espírito cristão da nova pátria e que vinha de encontro às suas convicções trazidas do velho continente. Com as mãos calejadas abriram estradas e foram transformando os sertões em núcleos que até hoje se desenvolvem, contribuindo para a grandeza do país” (4).

AMOR À PÁTRIA — Destacando-se pelo seu grande amor à terra e ao trabalho agrícola, os ucranianos das primeiras imigrações, à exceção de poucas famílias preferiram o campo à cidade, não temendo mesmo o sertão bravo. Foram desbravando as matas, abrindo estradas, beneficiando as terras e cultivando com afinco o quinhão que haviam recebido do Govêrno, melhorando assim a sua sorte e ao mesmo tempo contribuindo para o desenvolvimento econômico do país. Desta maneira, o imigrante afeiçoava-se cada vez mais à sua terra, aderindo ao solo da nova pátria como aquelas sementinhas que êle lançava ao chão, cujas raízes fincadas na terra exigem fôrça para serem arrancadas.

Os que preferiram a cidade ao campo também contribuíram com sua parte para o progresso do Brasil, pois muitos dêles, à custa de pequenas economias, fundaram e fizeram prosperar organizações, emprêsas comerciais que constituem hoje uma expressão na economia brasileira.

Os sacrifícios, portanto, não foram inúteis. Disto é consciente, e aos descendentes recorda, aquêlo velhinho imigrante que, rodeado

(3) Vide “Frácia”, 1956, n.º 32-33, artigo citado.

(4) Seu discurso proferido por ocasião do Cinquentenário de Prudentópolis: vide “Frácia”, 1956, n.º 34.

pelos netos e bisnetos, senta-se pela tardinha à soleira da casa que com tanto carinho construiu, e narra-lhes as aventuras do passado, orgulhoso com o resultado de seus esforços. Ele está ciente da colaboração que prestou para o progresso de sua segunda pátria, êle sabe quanto deixa para a sua afortunada descendência, e está satisfeito que é seu o pedaço de chão, onde descansará dormindo o seu último sono.

III PARTE

A Vida Organizativa da Imigração Ucraniana no Brasil

I I I P A R T E

A VIDA ORGANIZATIVA DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

Artigo I — A IGREJA UCRAINO-CATÓLICA

Uma das características do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor à terra e ao trabalho, é a religiosidade — um sentimento profundamente arraigado, que o prende à sua religião tradicional. Seu majestoso rito oriental, tão benquisto pela Igreja Católica como o rito latino, foi transplantado pelos fiéis em tôda a parte para onde emigraram, e foi conservado intacto, com tôdas as suas pompas e particularidades, vivo em cada um dos seus officios litúrgicos.

No Brasil, edificaram os imigrantes ucranianos grandiosas matizes nos centros maiores, igrejas e capelas nas colônias e núcleos — o que vem atestar suficientemente a piedade dêste povo.

DIVERSIDADE DE RITO — Dado que o essencial da Igreja católica consiste na unidade da fé, unidade da autoridade e unidade dos meios de salvação (os sacramentos), a variedade dos ritos seguidos pelos seus fiéis, tanto no Brasil, como em qualquer outra parte do mundo, em nada prejudica as suas características essenciais que são: uma, santa, católica e apostólica.

Os ritos — formas externas do culto divino, já se formavam desde os primeiros anos do cristianismo. Daí é que temos hoje diversas liturgias latinas e não poucas orientais, permanecendo, no entanto, a Igreja uma e imutável na sua essência, apesar da diversidade no aspecto exterior do culto. Esta heterogeneidade dos ritos, sendo natural e derivada da diversidade dos gênios, mentalidades e culturas humanas, não pode ser supressa, nem conviria suprimí-la, ainda que se pudesse.

A liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um ramo, tem origem naquela de Jerusalém, de S. Tiago, reformada por S. Basílio Magno e abreviada por S. João Crisóstomo, no século IV. Foi desde logo aprovada e carinhosamente conservada pela Igreja, sendo seguida até hoje por grande número de cristãos do Oriente e pelos fiéis do rito ucraniano. Essa constitui incontestavelmente uma das mais belas jóias com que se adorna a Igreja, para prestar o seu culto a Deus.

O RITO ORIENTAL E A SANTA SÉ — A Santa Sé demonstrou sempre um especial carinho pelos ritos orientais. Criou institutos e escolas para o estudo das questões do Oriente, aumentou o número dos patriarcados, organizou congressos e erigiu novas dioceses naquelas partes do mundo, onde há numerosos fiéis de rito oriental.

Na encíclica “Orientales Ecclesias”, já dizia o Papa Pio XII, de venerável memória: “As Igrejas Orientais, célebres pelas doutrinas dos seus Santos Padres e banhadas com o sangue dos Mártires nos tempos mais antigos... foram objeto de Nossas solidões”.

Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro e Ordinário dos fiéis de rito oriental no Brasil, dizia o mesmo na sua Carta Pastoral de 1953 “Fé e União”:

“A Santa Sé não apenas tolera as liturgias orientais, mas aprova, abençoa e quer os ritos orientais... Este testemunho de benevolência da Santa Sé baseia-se no alto critério de justiça, prudência e caridade...”

Com tais critérios, a Igreja manifesta não só o seu desejo, mas a sua determinação para que os imigrantes e seus descendentes, continuem mantendo na nova pátria o rito próprio, que herdaram dos seus antepassados.

A este respeito diz claramente ainda o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara:

— “Não vos admireis de que brasileiros natos pertençam a ritos orientais e não todos ao rito latino. O fenômeno que se dá deste lado do Atlântico, também se passa relativamente aos do rito romano, em terras banhadas pelo Mediterrâneo... Os oriundos de católicos orientais, brasileiros de nascimento, mesmo batizados em igreja latina, não podem abandonar o rito oriental de seus pais, sem especial permissão, que Roma a si própria reserva e de que não abre mão... Nem por isto serão eles menos brasileiros, nem menos católicos do que os demais” (1).

(1) “Fé e União”: *ibidem*.

Em outro passo, dirigindo-se aos ucranianos, diz ainda o Emmo. Cardeal:

— “E sobremaneira grato nos foi observar o carinho com que conservais o bellissimo rito, qual precioso tesouro legado por vossos antepassados e todo aquêlê acêrvo de salutareos costumes e tradições cristãs, trazidas desde a longínqua Ucrânia, tão amada e tão perseguida, e que transmitistes carinhosamente aos filhos e netos, e que deverão passar de geração em geração, como o pede a vossa história religiosa. O nobre povo ucraniano sempre demonstrou ser dos que melhor se distinguiram na defêsa do cristianismo europeu, quase desde sua entrada na Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, em 988...”

RITOS ORIENTAIS EXISTENTES NO BRASIL — Quase todos os ritos orientais estão representados no Brasil e seguidos pelos fiéis imigrantes, em cujas pátrias êsses ritos eram de norma. Assim temos: o armênio, o russo, o maronita, o melquita, o romeno, o sírio e o ucraniano, que abrange o maior número de fiéis.

Para todos os católicos dos ritos acima mencionados, o Santo Padre Pio XII, como demonstração do cuidado paternal que sempre teve pelos orientais, criou no Brasil, em 1952, o Ordinariato dos Ritos Orientais, nomeando como titular Sua Eminência o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Assim, todos os fiéis orientais ficaram sob a jurisdição dêste eminente Príncipe da Igreja.

Por serem do rito ucraniano em maior número, constituiu-se para êles um Vicariato próprio, sob a dependência do Ordinariato Oriental, tendo sido nomeado para o cargo de Vigário Geral o Revmo. Mons. Clemente Preima.

Em junho de 1958, como nova prova de carinho da Santa Sé, era criado o primeiro bispado para os católicos do rito ucraniano no Brasil. Foi designado como bispo auxiliar de Sua Eminência Cardeal Câmara, o Revmo. Pe. José Martenetz OSBM., então Primeiro Conselheiro da Cúria Generalícia dos Padres Basilianos em Roma (2). Sua séde episcopal é Curitiba, capital do Paraná.

(2) Com a constituição do Exarcado Apostólico para os Ucranianos-Católicos no Brasil, pela Bula “*Qui divino consilio*” do Papa João XXIII, datada em 30 de maio de 1962, D. José Martenetz foi designado seu primeiro Exarca, tendo tomado posse aos 15 de setembro do mesmo ano. — Para o cargo de Pro-Exarca Sua Excelência nomeou aos 15 de outubro de 1962, o Revmo. Mons. Pedro Busko — Vigário de Dorizon.

Artigo 2 — A VIDA RELIGIOSA DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

O PRIMEIRO MISSIONÁRIO E SEUS LABORES APOSTÓLICOS — O primeiro sacerdote ucraniano vindo para o Brasil, foi o R. Padre João Wolianskyi. Mas êste, não podendo adaptar-se às condições precárias dos imigrantes tão numerosos, voltou logo para a Europa. Abandonados e privados de tōda assistēncia religiosa, por falta de sacerdotes, mesmo brasileiros — com os quais, aliás, não se podiam entender, por não conhecerem a língua do país — os imigrantes aflitos escreviam cartas ao Metropolita de Leópolis solicitando, insistentemente, que lhes mandasse sacerdotes da mesma nacionalidade e rito.

E eis que chega, em junho de 1897, o primeiro missionário da Ordem de São Basílio o Grande, o Revmo. Pe. Silvestre Kizyma. Parte êle de Leópolis aos 11 de maio de 1897 e chega ao Brasil, com o navio “Córdoba”, no mês seguinte. Aos 21 de junho já se encontra em Curitiba, no Paraná, onde passa, como êle mesmo escreve (1), nove dias confessando os fiéis, desde a madrugada até alta noite. Êstes acorriam, com lágrimas de alegria nos olhos, de todos os recantos do município.

Terminada aí a sua primeira missão, o sacerdote parte para o interior do Estado. Aos 7 de julho chega a São João de Capanema (hoje cidade de Prudentópolis), no longínquo município de Guarapuava, sendo recebido aí pela imensa multidão de imigrantes patrícios, com vivíssimo entusiasmo e ovações. O missionário anuncia imediatamente a santa missão e a prega por vários dias, catequizando, batizando, preparando para a primeira comunhão e convalidando os casamentos.

Depois de iniciar a construção de uma capela e de uma modesta residência, no centro da imigração, isto é, em S. João de Capanema — onde a sua presença permanente fazia-se mais necessá-

(1) Cfr. Almanaque Jubilar dos Estudantes Basilianos no Brasil — Iracema — Prudentópolis 1946, Zinko, OSBM: Esboço da atividade da Ordem de São Basílio Magno no Brasil (pág. 13).

ria, em consequência da crise material e moral por que passavam os imigrantes — o Padre Silvestre prossegue as suas excursões missionárias, a pé, pelo vasto sertão. Percorria, em certos dias, dezenas de quilômetros pelas ínvias florestas, em busca de outras almas, para levar-lhes o conforto da religião e a renovação da vida, pregando por toda parte, confessando, celebrando o santo sacrifício da Missa, distribuindo a sagrada Comunhão e prestando outros serviços pastorais.

Prestados os primeiros socorros espirituais aos imigrantes no Paraná e sistematizada aí a vida religiosa, o incansável missionário empreende uma nova viagem, desta vez, ao Estado de Santa Catarina, onde, no município de Itaiópolis, e precisamente nas colônias de Xavier da Silva (2), de Iracema, Costa Carvalho e Moema havia maior aglomeração de imigrantes ucranianos, depois de São João de Capanema, no Paraná.

Foi indescritível o regozijo daqueles pobres colonos ao receberem a primeira visita de um sacerdote de sua língua e rito. Uma numerosa representação de imigrantes veio-lhe ao encontro até Itaiópolis, distante uns 20 quilômetros da primeira colônia ucraniana, para conduzi-lo (3) até o seu paradeiro. As copiosas lágrimas que lhes banhavam as faces bem testemunhavam o desalento em que jaziam e a grande satisfação de terem agora, no seu meio, aquele com quem podiam desabafar as suas mágoas e dêle receber lenitivo para as suas dôres, conforto e consolação. Percebeu logo o missionário que a sua presença ali era mais necessária do que se podia imaginar. De fato, os colonos desprovidos de armas, além de outras privações materiais e espirituais, sofriam constantes assaltos dos índios Botocudos, concentrados nas florestas vizinhas, depois da ocupação de suas terras pelos imigrantes. Os indígenas mantinham os habitantes das colônias em contínuo sobresalto desde o começo da imigração, destruindo as suas propriedades e massacrando a quem encontrassem. Assim, não só individuos mas famílias inteiras pereciam sem o conforto da religião.

O Padre Silvestre iniciou imediatamente a santa missão, que por muitos dias foi pregada na capela da colônia Xavier da Silva. Proferiu, então — como êle testemunha — nada menos de 35 sermões e confessou cerca de três mil almas. A maioria destas não se havia confessado desde que deixara a aldeia natal. Em seguida,

(2) Aí os colonos já tinham construído uma capela própria, a primeira capela ucraniana no Brasil. Esta era servida, de vez em quando, por um sacerdote polonês de Itaiópolis.

(3) Naturalmente a pé, pois não possuíam carroças nem animais.

o Padre pregou missões em outras colônias, com não menores êxitos.

O dia da despedida do missionário, ainda que temporária, foi de muita tristeza para os colonos ucranianos de Iracema. Organizou-se um grande séquito de homens e moços que acompanharam o Padre até Itaiópolis onde passaram tôda a noite em conversações íntimas com o bondoso missionário, que só pela manhã do dia seguinte partiu para o Paraná, indo desta vez missionar na colônia Ipiranga ou Guajuvira, perto de Curitiba, onde se tinham estabelecido mais de 100 famílias ucranianas.

PRIMEIROS FRUTOS — A semente evangélica que o Padre Silvestre espalhava largamente por tôda parte, ia brotando, crescendo e frutificando entre os imigrantes.

Enquanto o missionário fazia os seus giros pelas colônias, surgiam nos maiores núcleos capelas e residências sacerdotais, destinadas a se transformarem, mais tarde, — quando viria da Europa maior número de sacerdotes — em igrejas e casas paroquiais.

Essas igrejas e capelas típicas (4), espalhadas hoje por quase todos os recantos do Paraná, Santa Catarina e outros Estados, são testemunho eloqüente da religiosidade dos colonos ucranianos, do seu apêgo ao próprio rito e tradição, e caracterizam seus núcleos.

Depois das igrejas viriam as escolas paroquiais, fundar-se-iam associações religiosas, jornais em idioma próprio, e, graças à liberalidade da nova pátria, poderiam assim os ucranianos continuar seguindo os seus costumes, tradições e belos ritos religiosos em suas próprias igrejas. Mas, tudo isto realizar-se-ia só com a vinda de outros sacerdotes e missionários.

NOVOS MISSIONÁRIOS — Em 1898 receberam os núcleos católicos ucranianos a primeira visita pastoral de Dom José Camargo, primeiro bispo de Curitiba, sob cuja jurisdição achavam-se os fiéis dos Estados do Paraná e Santa Catarina. O relatório dessa visita apresentado ao Snr. Núncio Apostólico do Rio de Janeiro contribuiu eficazmente para a vinda de novos missionários ucranianos, pois percebera o Bispo, “in loco”, a necessidade de uma assistência espiritual mais adequada.

Vieram, então, vários padres da Ordem Basiliiana e alguns seculares e, com o seu trabalho apostólico, a vida religiosa dos imigrantes ficou grandemente intensificada.

(4) Com cúpulas redondas.

Formaram-se vários Curatos, do rito próprio: em Prudentópolis, Ivaí, Curitiba, Iracema, Marechal Mallet, Dorizon e Antônio Olinto, com residência permanente, no lugar, de um Cura d'almas. Êsses, mais tarde, foram erigidos em paróquias, às quais se juntaram outras, criadas posteriormente, na medida em que ia crescendo o número de sacerdotes, tanto basilianos como seculares.

É de se notar que desde 1934 começam a entrar em ação novos sacerdotes já brasileiros-natos, que se formaram em seminários latinos ou em Casas de formação da Ordem Basiliiana, completando e aperfeiçoando seus estudos nas Universidades de Roma. Dêstes contam-se hoje seis padres seculares e mais de vinte basilianos.

No correr dos anos, foram fundadas novas associações paroquiais e construídas belíssimas igrejas, destacando-se a grandiosa matriz de S. Josafát em Prudentópolis, de estilo bizantino, rica em ornamentações artísticas, grande centro de peregrinações. Seguem-se depois as matrizes de Ivaí, Dorizon, Curitiba, Marechal Mallet e Iracema, construídas recentemente, com imensos sacrifícios dos fiéis. Esta última veio substituir a antiga igreja que continha riquezas de arte sacra e de alfaias, e que foi devorada por um misterioso incêndio, na noite de 30 de abril de 1955, juntamente com o contíguo mosteiro basiliano e um bellissimo campanário.

A estas podem ainda juntar-se as grandes e majestosas matrizes de Pitanga, Antônio Olinto, União da Vitória e Vera Guarani que, apesar de construídas de madeira, impõem-se à admiração pelo seu estilo e suas proporções.

Recentemente foi ultimada a construção da grandiosa igreja da Linha Esperança, na paróquia de Prudentópolis, consagrada pelo primeiro bispo D. José Martenetz OSBM, no dia 8 de dezembro de 1959. Esta é, sem dúvida, uma das mais belas e imponentes igrejas ucranianas no Brasil.

O TOTAL DAS IGREJAS E CAPELAS — Distribuídos em núcleos e colônias, os ucranianos católicos servem-se para o culto divino de um total de 90 igrejas e capelas, não se levando em consideração 25 núcleos que ainda não possuem capelas próprias e onde as funções religiosas são ainda celebradas em capelas ou igrejas latinas, em edifícios escolares ou em casas particulares.

Existem, atualmente, no Brasil 12 paróquias ucraino-católicas que abrangem 64.404 almas, constituindo êste número apenas 55% do total da população dos ucranianos católicos no Brasil. À cura destas almas dedicam-se 44 sacerdotes, sendo 37 basilianos e 7 seculares.

Uma pequena parcela da população ucraniana no Brasil está filiada à Igreja ucraino-ortodoxa que conta, atualmente, cêrca de 1.350 famílias, 6 sacerdotes e 12 igrejas e capelas.

ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS — Muito contribuíram para a renovação e o fortalecimento do espírito cristão, entre os imigrantes, as associações religiosas. O Apostolado da Oração, por exemplo, fundado já em 1898, é a mais forte organização religiosa entre os imigrantes da Ucrânia no Brasil, pois conta aproximadamente 25 mil membros.

Um dos seus primeiros zeladores escrevia num periódico religioso ucraniano:

“Desde que foi introduzido êste Apostolado, desapareceram dentre nós o desespero e o indiferentismo, a embriaguez e outros males morais e físicos. A capela (refere-se à de São Basílio, em Prudentópolis) permanecia aberta durante todo o dia: uns saíam, outros entravam. Quando chegava a I.^a sexta-feira do mês e o I.^o domingo, havia confissões até alta noite. O povo habituou-se a se confessar semanalmente, cada duas semanas, e os que moravam longe da capela, cada mês; os fiéis muito distantes, cada dois ou três meses. O Apostolado conta, continua o têxto, com 1.500 membros, mas sempre em crescente número. Só os zeladores — nas diversas colônias — já são cêrca de 50. Durante as reuniões mensais, nas capelas ou casas particulares, o zelador lê em voz alta livros espirituais e os presentes escutam” (2).

Outras florescentes e ativas associações religiosas são: a Congregação Mariana, feminina e masculina, que congrega a mocidade, e a Cruzada Eucarística que reúne as crianças. Ambas contam com muitos milhares de membros.

(2) Ir. B. Zinko: *ibidem*, pg. 22-23.

Artigo 3 — AS ESCOLAS

Descendentes de um povo de larga tradição cultural, os ucranianos no Brasil haveriam de consagrar todos os esforços no sentido de não deixar faltar aos seus filhos o necessário preparo intelectual, cientes de que somente êle é capaz de fornecer aos homens as armas necessárias para vencer na vida.

Abriram-se, pois, por tôda a parte, nos núcleos e colônias, muitas escolas, cujos promotores eram quase sempre os padres-missionários, que, ao chegarem para o Brasil, trataram logo de prover cada paróquia de uma escola.

Construídas à sombra das igrejas, como nos países da Europa e da América do Norte, tais escolas elementares haveriam de ser a continuação dos ensinamentos espargidos do púlpito e do seio das famílias, e dariam à instrução o seu sentido fundamental e legítimo, qual seja o de preparar a criança para esta vida e a vida futura.

Eram cõscios, os imigrantes, de que somente a instrução e a educação poderiam fazer do menino um futuro membro útil à sociedade e que a “esperança” que agora se constituía para a pátria só se realizaria através de uma sólida formação.

Surgiam assim, desde 1897, as primeiras escolas nos núcleos mais populosos. Eram escolas particulares. Arranjava-se uma casa, escolhia-se um professor dentre os imigrantes mais instruídos e os pais mandavam seus filhos às aulas, pagando, naturalmente, aos mestres.

INCREMENTO — A partir de 1907, quando começaram a vir em massa os imigrantes ucranianos, a causa escolar ganhava mais força e encontrava melhores condições para se expandir.

O Govêrno brasileiro preocupava-se com o problema e zelava por êle, exigindo o funcionamento das escolas e financiando-as em parte.

Assim, já em 1913, eram numerosas as escolas existentes nos núcleos ucranianos. Só no município de Prudentópolis havia 22, e

quase tôdas as colônias, por menores que fôsem, possuíam o seu próprio estabelecimento escolar.

Para se ter uma idéia da freqüência, citemos o exemplo ainda de Prudentópolis, onde, em 1913, uma só escola possuía cêrca de 123 alunos. As outras do município eram freqüentadas, naquele ano, por um total aproximado de 507 alunos.

Em 1913 fundou-se uma organização sob o nome da “Associação Escolar”, cuja finalidade era, entre outras, cuidar do desenvolvimento das escolas e do seu bom funcionamento. Essa associação vigorou por alguns anos, contando sempre com grande número de membros. Sua contribuição foi decisiva.

Já em 1920 existiam nada menos de 41 escolas, só nos Estados do Paraná e de Santa Catarina. Quase tôdas eram promovidas ou inspecionadas pelos Padres missionários, que sempre demonstraram por elas particular carinho.

Entre os Padres que mais contribuíram para a abertura e o funcionamento normal das escolas convém destacar os seguintes: Padre Silvestre Kisyma, Auxêncio Tytla, Marciano Szkirpan, Clemente Bzuchowskyi, Januário Kotzylowskyi, Cirilo Simkiw, Eustáquio Turkovyd e Bartolomeu Seniuta — todos da Ordem de S. Basílio Magno, êste último ainda vivo; e do clero secular: os Padres — Nicon Rosdolskyi, João Michaltchuk, Pedro Protzkiw e Emiliano Ananevitch — o último ainda vivo (1). Todos êstes empenharam-se a fundo na causa da instrução, logrando quase sempre apóio do Govêrno, quer no setor federal, quer no estadual.

GINÁSIO — Êstes esforços, no terreno da instrução, estenderam-se a tal ponto, que já em 1923 projetou-se a construção de um estabelecimento de ensino secundário, em Prudentópolis. Fatores da idéia foram ainda os Padres Basilianos, que para isso correram aos poderes públicos.

O Governador do Paraná, naquela época Dr. Caetano Munhoz da Rocha, aprovando o projeto, prontificou-se a colaborar, e até designou o Prof. Edgar Fernandes para ensinar Português, História e Geografia do Brasil no futuro ginásio (2).

Sobrevieram, no entanto, dificuldades intransponíveis, e a iniciativa não pôde ser levada a cabo senão mais tarde. Iguais tenta-

(1) Trabalhou no Brasil de 1917 - 1938; construiu várias Igrejas, escolas e hospitais, sobretudo, no Sul do Paraná, começando, quase sempre, sem tostão no bolso. Fundou a Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana, colaborou ativamente na imprensa e encaminhou muitos meninos e meninas às vocações religiosas e outros ramos da vida social. Atualmente trabalha nos Estados Unidos.

(2) Cfr. Pe. Ireneu Wihorynskyi: obr. cit., pg. 99

tivas fizeram-se em Pôrto União, no Estado de Santa Catarina, chegando-se até a fundar o ginásio, mas êste funcionou dois anos apenas, ou seja, em 1926-1927.

Cinco anos mais tarde, por ocasião da fundação do Noviciado dos Padres Basilianos em Prudentópolis, renasceu o projeto da fundação de uma escola secundária (juvenato), na qual se pudessem preparar candidatos para o Noviciado.

Desta vez o projeto concretizou-se.

O SEMINÁRIO — Aos 4 de junho de 1935 foi inaugurado o Seminário Menor dos PP. Basilianos em Prudentópolis, acolhendo no primeiro ano apenas 13 seminaristas. Elevou-se, porém, êste número a 45-50 nos anos subseqüentes. Seu organizador e primeiro diretor foi o Revmo. Pe. Josafát João Roga OSBM, brasileiro-nato, que o dirigiu por nove anos.

Não podendo o primitivo edifício comportar o sempre crescente número de alunos, iniciou-se em 1938 a construção de um novo seminário que foi solenemente inaugurado dois anos depois, a 1.º de março de 1940. Ficou êste colocado desde o comêço sob o patrocínio de São José, de quem tomou o nome.

Apesar das dificuldades com que teve de arrostar no início, o Seminário progride sempre com as bênçãos do Céu e revela-se de vital importância para a Ordem Basiliana no Brasil. Últimamente foi construído um novo e imponente edifício (o maior e o mais belo da cidade de Prudentópolis), capaz de acolher mais de 250 alunos.

Tendo celebrado aos 4 de junho dêste ano (1960) o seu Jubileu de Prata, o Seminário São José pode apresentar o seguinte balanço de suas atividades: dos 600 seminaristas que por êle passaram, 26 já chegaram ao sacerdócio; 60 seminaristas maiores cursam atualmente humanidades e filosofia no Seminário Maior de Ivaí (Paraná) e teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Os que não tinham vocação sacerdotal, uns procuraram completar seus estudos nas universidades do país, ocupando agora cargos elevados, outros acharam lugares destacados na sociedade, com os estudos concluídos no Seminário.

— Não podemos deixar de mencionar aqui também a recentíssima fundação de um pré-seminário em Marechal Mallet. Foi solenemente inaugurado no comêço dêste ano (1960), com a participação do Emmo. Snr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Ordinário dos Católicos Orientais no Brasil, e de seu auxiliar D. José Martenetz OSBM. É destinado para a formação do clero diocesano.

Funciona num moderno e confortável edifício, com lugar para 50 alunos, construído com a munificência do Emmo. Cardeal Eugênio Tisserant, então Secretário da Sagrada Congregação Oriental em Roma, do qual tomou o nome: "Seminário Cardeal Tisserant".

IRMÃS SERVAS DA IMACULADA VIRGEM MARIA — Muito contribuíram para o desenvolvimento do ensino entre os imigrantes ucranianos as Irmãs Servas da Im. V. Maria, que vieram para o Brasil já em 1911.

Ainda que a sua finalidade principal fôsse dirigir orfanatos, cuidar dos enfêrmos, zelar pelas igrejas, as circunstâncias exigiram que elas no Brasil se dedicassem também às escolas e ao trabalho educativo.

Chegando ao Brasil, as Irmãs ucranianas ocuparam imediatamente as escolas paroquiais de Prudentópolis e de Iracema, passando mais tarde também para outros centros de imigração.

Desde o início abriram internatos em Prudentópolis e Iracema, onde eram recolhidas não só as crianças ucranianas mas também de outras nacionalidades.

De fato, muitos pais brasileiros, vendo o trabalho eficiente que vinha sendo desenvolvido pelas Irmãs, mandavam os filhos para seus internatos.

Com o aumento do número de Irmãs ia crescendo também o número de escolas e de internatos sob sua direção. Assim, hoje, são inúmeros os estabelecimentos escolares, financiados e inspecionados pelo Estado, dirigidos pelas Irmãs dessa Congregação. Eis porque estas escolas se nacionalizaram por completo, perdendo o caráter ucraniano que predominava de início. Tanto mais que hoje a grande maioria das Irmãs S.I.V.M. já são brasileiras-natas.

Mais tarde, havendo um número suficiente de Irmãs preparadas em escolas superiores do Estado, abriram Ginásios e Escolas Normais.

Têm séde e noviciado em Prudentópolis e casa generalícia em Roma.

CATEQUISTAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS — A obra das Irmãs SIVM foi completada pelos trabalhos das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, instituição fundada em 1940 (3), cuja finalidade social é catequizar as crianças, mesmo nas colônias

(3) pelo Rvmo. Padre Cristóforo Myskiw OSBM. A fundação da mesma baseia-se na Constituição Apostólica "Provida Mater Ecclesia" do Sumo Pontífice de vener. mem. o Papa Pio XII.

mais remotas, dirigir internatos femininos, educar a juventude, promover e orientar cursos de catequese, economia doméstica e formação feminina completa. Para exercer essa atividade as Catequistas preparam-se nas Escolas Catequéticas, Secundárias, Superiores e de Especialização.

Hoje mantêm o seu centro, um internato e escola doméstica feminina em Prudentópolis, um pensionato para estudantes universitárias em Ponta Grossa, além de algumas escolas públicas primárias no Paraná.

Cuidando de todo o programa de ensino elementar e médio, as Catequistas empenham-se a fundo em dar uma formação integral às crianças e jovens, não descuidando, pois, a formação religiosa.

Nas colônias, sobretudo, onde há falta de sacerdotes que ministrem o ensino religioso, é muito útil e apreciado o trabalho destas Catequistas que, vestidas à paisana, têm acesso por tôda a parte e assim podem acompanhar as jovens, sem constrangimento, em todos os lugares onde a sua presença se faz necessária. Movimentam a juventude com festas, jogos, e danças folclóricas, instruem, dão lições de religião, ensinam cânticos litúrgicos, preparam as crianças para a Primeira Comunhão, influenciando também no espírito das famílias. Sempre que podem, preparam a intronização das Imagens dos Sagrados Corações de Jesus e Maria nas famílias, devoção tão difundida por todo o Brasil.

IRMAS CATEQUISTAS DE SANT'ANA — É mais uma Congregação religiosa, recentemente instituída, cujo trabalho vem sendo de muita eficiência na direção das escolas. Nascida anteriormente como “sociedade de jovens mestras e enfermeiras”, ao ser reorganizada em 1946, tomou essa nova denominação. As Irmãs C. de Sant'Ana têm o seu centro em Marechal Mallet e o noviciado em Vera Guarani. Exercem concomitantemente as atividades de catequistas, mestras e enfermeiras e a sua Congregação acha-se agora em fase de franco desenvolvimento.

ESCOLAS — CENTRO DE ATIVIDADES — Antes de tudo convém assinalar que o acesso às escolas em núcleos coloniais é livre para tôdas as crianças, sem distinção de raça ou nacionalidade. Segue-se o mesmo ritmo de atividades das escolas estatais. Além das matérias do programa básico, as mestras procuram desenvolver nas crianças sentimentos artísticos, ensinando-as a cantar, recitar poesias, interpretar peças teatrais e outras artes do gênero.

Por ocasião de solenidades, quer de caráter civil, quer religioso, são organizadas, nas escolas, sessões comemorativas, nas quais todos os alunos tomam parte. No programa das festas, sobretudo nos dias da Primeira Comunhão e do encerramento do ano escolar, entram também “pique-niques”, concêrtos e outras diversões.

Atualmente, como tôdas as escolas são mantidas e controladas pelo Estado, aos exames parciais e finais assistem e presidem os inspetores escolares.

Durante as férias as mestras não perdem contato com as crianças, pois nos dias festivos são organizadas reuniões onde elas aproveitam para dar pequenos ensinamentos catequéticos, não se descuidando, porém, de promover um divertimento sadio para as crianças.

Em uma palavra, as escolas primárias nas colônias procuram manter aquêlê ambiente agradável e familiar, que é a continuação do lar, ou, em alguns casos, a sua substituição. Procuram despertar nas crianças os ideais de uma juventude alegre, sadia e responsável ao mesmo tempo, para torná-las no futuro pessoas dignas de viver em sociedade.

Reduzindo tôdas as classes sociais ao mesmo nível, a escola faz a criança entender, na medida de sua capacidade, o sentido do valor humano que não se mede pelas posses, nem pela posição social, nem pela inteligência ou pela raça, mas pelo caráter.

Daí todo o empenho que a escola deveria empregar na formação do caráter, amoldando-o de acôrdo com os ideais cristãos e desenvolvendo o senso de lealdade, que é um dos atributos de um bom caráter. Essa lealdade é, realmente, uma das características do povo ucraniano. Tanto os imigrantes ucranianos como seus descendentes, amando com tôda sinceridade a sua nova pátria, que os recebeu com peculiar hospitalidade, adotando-os como filhos, sempre se mostraram fiéis e leais no cumprimento de seus deveres cívicos, nunca urdindo qualquer ameaça de separatismo, nem fazendo propaganda de ideologia política contrária aos interesses da nação brasileira, como infelizmente tem acontecido com imigrantes de outras origens.

LIGEIRA ESTATÍSTICA DO SETOR EDUCATIVO — Existem em:

PRUDENTÓPOLIS — um Ginásio e uma Escola Normal de Grau Ginásial e uma Escola Normal de Grau Colegial a cargo das Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria;

— **Colégio Santa Olga** do Instituto das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus;

— **Escola de Economia Doméstica** (federal) dirigida pelas mesmas Catequistas S. C. J.;

— **Seminário Menor São José** dos Padres Basilianos.

CURITIBA — **Colégio Santa Terezinha** com Escola Primária, Jardim da Infância, em regime de internato e externato, mantido pelas Irmãs SIVM.

IRACEMA (Santa Catarina) — **Escola Primária** sob a direção das mesmas Irmãs SIVM.

IVAI — Diversas escolas elementares a cargo das Irmãs SIVM.

— **Seminário Maior e Noviciado** dos Padres Basilianos.

PITANGA — Escolas de ensino primário sob a direção das Irmãs SIVM.

MALLET — **Escola Elementar e Escola de Profissões Domésticas** “Cardeal Câmara”, dirig. pelas Irmãs SIVM.

— **Pré-Seminário “Cardeal Tisserant”** mantido pelo Exarcado Ucraino-Católico do Brasil.

— **Dois escolas primárias** mantidas pelas Irmãs Catequistas de Sant’Ana.

DORIZON — **Escola Primária São José** a cargo das Irmãs SIVM.

RIO AZUL — **Colégio N. Senhora de Fátima** dirigida pelas Irmãs Catequistas de Sant’Ana.

VERA GUARANI — **Escolas Primárias** a cargo das Irmãs Catequistas de Sant’Ana (que aí têm seu noviciado).

UNIÃO DA VITÓRIA — Diversas escolas elementares dirigidas pelas Irmãs SIVM.

VITÓRIA (Cruz Machado) — **Escola Primária** dirigida pelas Catequistas do Sagrado Coração de Jesus.

BARRA BONITA e **PEDRA BRANCA** (Prudentópolis) — **Escolas Primárias** dirigidas pelas mesmas Catequistas.

ANTONIO OLINTO — **Escola Primária** a cargo das Irmãs SIVM.

PATO BRANCO — **Escola Primária** dirigida pelas Irmãs Catequistas de Sant’Ana.

PÔRTO ALEGRE (Rio Grande do Sul) — As Irmãs Servas da Imaculada Virgem Maria dirigem a **Casa da Criança “São Paulo”** e **Ginásio**.

APUCARANA — um **Ginásio** e uma **Escola Primária** a cargo das Irmãs SIVM; uma outra **Escola Primária** nas proximidades de Apucarana é dirigida pelas Irmãs Catequistas de Sant’Ana.

Outras escolas primárias dirigidas pelas Irmãs SIVM acham-se em Moêma e Papanduva (em Santa Catarina); Col. Marcelino, Cruz Machado, Jangada, Marco Cinco, Wenceslau Braz, Marcondes, Tijucó Preto, Palmital, Itaparã, Linha B, Governador Ribas, Roncador, Campo Mourão, Linha Esperança (tôdas no Paraná), Vila Bela (em São Paulo).

☆ ☆ ☆

Além dos estabelecimentos puramente educacionais, cultiva-se no Brasil ainda o folclore ucraniano. Por exemplo, em Curitiba, junto às Sociedades: União Agrícola Instrutiva e Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, ministram-se aulas de danças típicas ucranianas e canto folclórico. Por ocasião de festividades folclóricas paranaenses as mencionadas Sociedades preparam grupos de amadores, em conjunto, que com brilhantismo, por várias vezes, já têm apresentado riquíssimos programas.

Semelhantes aulas de danças folclóricas vêm sendo ministradas, desde há muitos anos, pelas Catequistas do Sagrado Coração de Jesus em Prudentópolis, para as alunas do Colégio Santa Olga, e desde 1958 para o grupo amador infantil da cidade. Periódicamente organizam-se representações teatrais com canto coral e danças folclóricas, que são apresentadas tanto em Prudentópolis, como em outras cidades e colônias.

Artigo 4 — ASPECTOS DA VIDA SOCIAL-ECONÔMICA DOS IMIGRANTES

O ambiente social em que viviam os imigrantes ucranianos no Brasil, não era muito diverso daquele em que tinham vivido no seu país. Isto, porque, graças à liberalidade da nova pátria, podiam continuar seguindo os seus costumes e suas tradições.

E assim o folclore ucraniano, as danças típicas, as festividades tradicionais, as reuniões sociais, quer de caráter recreativo, quer educativo-cultural, prosseguiram normalmente, no seio dos núcleos coloniais, ou nos grandes centros e em sédes próprias, sem a mínima ameaça ou prejuízo para a integridade da pátria. É verdade, que a atualidade política do país foi sempre assunto de comentários por parte dos colonos, mas também verdade é que a imigração ucraniana tem sido sempre exemplo de respeito à ordem constituída. Mesmo no tempo da ditadura, que com sua campanha de nacionalização muitas vêzes trazia dissabores e vexames, os ucranianos primaram pelo respeito ao regime.

VIDA POLÍTICA — Já o primeiro jornal ucraniano editado no Brasil, “Zoriá” (Estrêla), ao qual ainda nos referiremos mais tarde, incitava em 1908 a todos os imigrantes a participarem ativamente das eleições, não só votando em massa, como também apresentando candidatos, escolhidos dentre os mais capacitados, para poderem ter na Assembléia Legislativa do Paraná representantes de seus interesses e de suas reivindicações. Em 1913, por ocasião de novas eleições, o mesmo apêlo foi repetido pelo “Prácia” — jornal recém-nascido (em dezembro de 1912), como órgão dos ucranianos no Brasil.

Infelizmente, êsses apêlos não tiveram grande repercussão entre os ucranianos, porque a maioria dêles não era habilitada para votar por não se terem ainda naturalizado brasileiros.

Foi preciso que aumentasse o número dos descendentes ucranianos, já brasileiros natos, para que realmente se despertasse o

interêsse pela vida política e pela participação nos quadros legislativos dos Estados, onde viviam.

Assim, a primeira tentativa dos ucranianos de eleger deputados de origem ucraniana para o parlamento paranaense teve lugar em 1946, logrando êxito imediato, pois foram eleitos dois parlamentares: **Dr. Pedro Firman Neto** e **Dr. Júlio Buskei**. Em 1954 outros dois deputados, também para a Assembléia Legislativa do Paraná, foram eleitos: **Eng.º Rafael Kulisky** e **Dr. José Dilai**; em 1958 mais dois: **Revm. Padre Valdomiro Haneiko** e **Sr. Ambrósio Choma**. Já em 1950 a imigração ucraniana tinha conseguido levar para a Câmara Federal dois representantes seus, o **Dr. Pedro Firman Neto** e o **Sr. Antônio Baby**.

Atualmente o núcleo eleitoral dos descendentes ucranianos só no Paraná atinge a 30 mil eleitores, cujos votos por ocasião das eleições são muito disputados por um número sempre maior de candidatos.

SETOR ECONÔMICO — A contribuição que o imigrante ucraniano deu ao progresso do país, sobretudo no Paraná, pode ser avaliada, ou melhor sugerida, por êstes pequenos dados estatísticos:

À lavoura dedicaram-se nada menos de 80% dos imigrantes em cêrca de 5.000 km² de terra — antes inhôspita e improdutiva — cultivando o trigo, o centeio, a batatinha, o arroz, o milho, o feijão, o linho, a erva-mate, o café e a hortelã.

Já no ano de 1922, segundo dados colhidos naquela época, o total de fazendas pertencentes aos imigrantes ucranianos era de 7.500, abrangendo cêrca de 350.000 hectares de terra. O rebanho era constituído de 10.300 cabeças de cavalos, 8.469 de gado vacum, e 130.000 de suínos — avaliados, então, em 65.150 contos de réis, isto é, aproximadamente, 16 milhões de dólares, ao câmbio da época. A produção anual das fazendas ultrapassava a quantia de 26 mil contos de réis. Enquanto isto, o capital dos negociantes e industriais ucranianos, naquele tempo, atingia apenas a órbita de 2.000 contos de réis.

Plantadores tradicionais de trigo, foram os imigrantes da Ucrânia os primeiros a instalar no Paraná a pequena indústria moageira, dando comêço também ao movimento cooperativista, hoje em dia muito expandido no Brasil, desde que se apercebeu a sua utilidade (1). Demonstração cabal do impulso à triticultura dado pelos imigrantes ucranianos é o fato de que o Estado do Paraná, com um milhão e 500 mil agricultores e com 5.500 toneladas de trigo co-

(1) Cfr. "Algo sôbre a Ucrânia", Curitiba - Dezembro 1958, pg. 13.

lhidas anualmente, entra com 60% de tôda a produção nacional. Daquele total, só o Município de Prudentópolis, com 25 mil agricultores, 80% dos quais são ucranianos, produz mais de 378 toneladas.

É de se notar que, últimamente, entre os ucranianos aumentou muito o interêsse pela plantaçào do café e da hortelã, sobretudo no norte do Paraná, onde mais de 500 famílias já se dedicam a êste cultivo, e para onde está se dirigindo um número sempre maior de colonos, que não titubeiam em deixar os seus antigos núcleos. Não se considerando os recentemente plantados, já possuem os imigrantes ucranianos aí mais de três milhões de pés de café frutíferos.

No entanto, ainda que a superfície das possessões e o capital tenha aumentado hoje 50% em relação à primeira década dêsse século, é fato, que em comparação com outras imigrações, a ucraniana apresenta-se econômicamente ainda muito débil. A agricultura, à qual se consagrou em maioria a imigração ucraniana, até pouco tempo atrás, não era muito rendosa no Brasil, e servia, quase exclusivamente, para as necessidades pessoais (2).

Fora dos 80% que se empenharam na lavoura, o restante da imigração ucraniana abraçou outras profissões da vida brasileira, e hoje são operários, negociantes, industriais, professores, juizes, médicos, engenheiros, advogados, dentistas, veterinários, farmacêuticos, técnicos, mecânicos, funcionários públicos, integrando assim a comunidade brasileira, em igualdade de direitos e deveres como os demais cidadãos, cõscios da sua responsabilidade e de sua missão, que é ser útil à família, à sociedade e à nação.

TRAÇO MORAL — Para dar uma idéia do ambiente em que vivem os ucranianos no Brasil, será útil fazer um breve aceno aos seus princípios morais profundamente arraigados, que passam de pais a filhos, e que hoje constituem um patrimônio de vida sadia em todos os núcleos e aglomerações ucranianas.

Vinculados à religião, os imigrantes da Ucrânia seguem estritamente a moral católica, sobretudo no que se refere à santidade e indissolubilidade do matrimônio, à grande estima e respeito pela maternidade e alto aprêço da integridade virginal das donzelas.

(2) Entre os imigrantes de várias origens que se dedicaram à apicultura em nosso país, foram, ao que parece, os ucranianos os que mais se distinguiram.

A êste último ítem, sobretudo, serve de testemunho aqui o relato de Rudolf Diels, alta personalidade alemã, que tomou parte ativa na última grande guerra. É êle quem diz:

— “Quando, nos anos de 1942-1943, por várias circunstâncias, tive oportunidade de achar-me na Ucrânia, ao norte do Mar Negro, entrei em contacto com um povo simpático e alegre, laborioso e apegado à lavoura, cuja virtude, gravidade e bons costumes, fazem recordar a humanidade na sua antigüidade clássica... Na cidade industrial de Nikolaiw não se conhecia o divórcio, não havia nenhum bordel e nem tão pouco doença venérea. Aos soldados alemães que perseguiam as jovens, estas diziam, com desdém: “nix cultura”. Em nenhuma outra parte encontrei mulheres tão dignas e respeitosas como naquele país...” (1).

(1) “Als ich 1942 und 1943 unter den verschiedenen Vorwänden die Ukraine bereisen konnte, betrat ich nordlich des Schwarzen Meres eine arkadische Landschaft. Ich kam dort mit einem harmonischen und heteren Bauern und Arbeitervolk in Berührung, dessen Tugendhaftigkeit und Sittestrengung an ein klassisches Zeitalter der Menschheit erinnern konnte... In der Industriestadt Nikolajiw gab es keine Ehescheidungen, keine Bordelle und keine Geschlechtskrankheiten; von den deutschen Soldaten, die sich hinter die Mädchen hermachten, sagten sie verächtlich: “nix cultura”. Niergends traf ich je selbstbewusstere und stolzere Frauen als in diesem Lande...”
(Rudolf Diels: “Lucifer ante Portas”).

Artigo 5 — A CULTURA UCRANIANA E SEUS REFLEXOS
SÔBRE A CULTURA BRASILEIRA

Um povo quando emigra leva consigo, mesmo que disto não se aperceba, todo aquêlê complexo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra, ou seja, a raça, a cultura, a língua, os costumes, o “way of life”, e principalmente o acêrvo que se diz tradição.

Na poeira dos sapatos traz-se o vestígio das andanças pelo mundo, e é sômente quando não se quer lembrar das antigas peregrinações que se deve sacudí-los, conforme aquêlê dito que a Bíblia consagrou. Essa não era, sem dúvida, a disposição dos ucranianos quando deixavam o torrão natal. Ao contrário, gostariam êles de prosseguir em novas pátrias os seus usos e costumes, ambiente e tradição, falando a sua língua e praticando a sua religião, todo um tesouro que herdaram de seus antepassados, conquista milenar, que não se joga impunemente às urtigas.

E não se pode dizer que isto viesse prejudicar as nações para onde emigraram. Nenhum país da América, com apenas quatro séculos e meio de existência, no máximo, pode vangloriar-se de possuir uma cultura própria (1). Assim, a cultura de cada um dos países americanos se formará forçosamente de mescla e será o resultado da fusão de várias culturas européias trazidas pelos imigrantes, com o aproveitamento dos elementos nativos, que, muitas vêzes, serão preponderantes.

Cientes ou não disto, assim procediam os imigrantes ucranianos, que demandavam os países da América, em busca de uma vida mais feliz. Os efeitos dêste seu procedimento no Brasil, dado que é uma imigração muito recente e pouco numerosa, ainda não se fizeram notar. Não há dúvida, porém, de que os elementos mais originais e autênticos de sua cultura entrarão mais cedo ou mais

(1) Com a exceção, talvez, do México e do Perú, onde os Aztecas, os Maias e os Incas deixaram traços de uma civilização aborígene, com laivos de cultura.

tarde, depois do necessário “batismo”, a fazer parte da que será chamada Cultura Brasileira.

Por ora, vejamos em rápidos traços alguns elementos culturais, tentando, ao mesmo tempo, reconstituir a vida cultural dos imigrantes.

LÍNGUA — Chegados ao Brasil, os ucranianos continuaram a falar sua bela língua, procedente da eslava, por várias razões, que se podem resumir nas seguintes:

a) Não conheciam a língua portuguesa falada no Brasil e, portanto, só podiam comunicar-se entre si através da própria. Apesar disto, começaram a aprender o português, se não por outros motivos, ao menos pela necessidade de conhecer o idioma do país, onde se encontravam. Este aprendizado, para a maioria, foi bastante difícil, não só porque se tratava de uma língua completamente diferente da deles, mas também porque os ucranianos, de início, sempre se agrupavam em núcleos, formando aí comunidades próprias, que se bastavam a si mesmas.

b) Outra razão seria o fato de que a língua ucraniana é a língua do rito próprio. Desejando pois conservar o rito e participar nos ofícios litúrgicos, deviam “forçosamente” manter o idioma.

c) Mais uma razão vem indicada por E. B. Thompson, que, em se referindo aos imigrantes ucranianos do Canadá, escrevia: “Quanto melhor continuam êles a conhecer duas línguas, ou seja, a língua materna e o inglês, tanto mais merecerão ser chamados inteligentes e instruídos” (1). Esta é também a convicção dos ucranianos no Brasil, que desde o começo, enquanto aprendiam com dificuldade o português, tratavam de conservar o ucraniano.

d) Sendo expressão de uma cultura, a língua ucraniana será, sem dúvida, ainda aqui no Brasil o veículo para a sua difusão, na transmissão de pai a filho, de mestre a aluno. A não utilização da língua adequada implicaria na morte da cultura trazida do país de origem, tanto os dois “fatores” estão ligados entre si.

ASSOCIAÇÕES CULTURAIS — Para conservar a sua cultura nos limites que se haviam proposto, já em 1898 os imigrantes fizeram a primeira tentativa de fundar uma entidade cultural-educativa. Surgiu essa em Curitiba sob o nome de “Prosvita” (2), cujas principais finalidades eram difundir conhecimentos sobre a cultura

(1) “The longer they continue to know two languages, i. e., a knowledge of their tongue as well as English, the more readily can they be called intelligent and better educated” (Cfr. “Transcript” de Boston, artigo de 20 de setembro de 1913, que seria publicado posteriormente em 30 periódicos canadenses).

(2) Sociedade de cultura popular que correspondia em suas finalidades ao “Dopolavoro” na Itália.

ucraniana. Para êste fim fundou-se uma biblioteca e criou-se uma escola especial de agricultura, da qual participavam ucranianos e brasileiros; faziam-se sessões comemorativas e abriam-se cursos especiais sôbre artes, literatura, etc.

Filiais dessa associação espalharam-se pelos Estados do Paraná e de Santa Catarina, desde 1910, e já em 1913 atingiam o número de 32, sempre com o mesmo nome de "Prosvita". Formavam-se espontâneamente ou eram promovidas por elementos mais experimentados.

É de se notar que tais entidades foram consideradas de vital importância não só pelos imigrantes e os brasileiros em geral, mas também pelo Govêrno que as apoiava, ao perceber a sua utilidade para o entrosamento recíproco das duas culturas.

Em consequência da ditadura e da mal interpretada política de nacionalização, lançada mais tarde, o desenvolvimento das associações foi paralisado por algum tempo. Terminada, porém, a Segunda Guerra Mundial, as atividades educativo-culturais recomeçaram a florescer entre os ucranianos.

Assim, em 1947, reiniciou suas atividades a "União Agrícola Instrutiva", fundada em 1922. Em julho dêsse mesmo ano (1947), fundou-se em Curitiba a "Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana" que despertou imediato interêsse. Ambas contam hoje com numerosas filiais, espalhadas pelos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tanto a primeira como a segunda têm séde em Curitiba. Em São Paulo, nos meados de 1948, surgiu uma nova organização, sob o nome de "Sobornist'" (Unificação). Esta, por enquanto, mantêm-se dentro dos limites do mesmo Estado.

"Nota-se, que os núcleos fâcilmente podem ser ativados e dinamizados, por mais longínquos que sejam, mediante os trabalhos dessas organizações, se, contudo, a par das atividades educativo-culturais, se acene ao auxílio prático, como por exemplo, intervenção junto ao Govêrno para a aquisição facilitada de maquinário agrícola, semente selecionada, etc., — observa o Sr. Nicolau Hetz, secretário da Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana no Brasil (3).

As mencionadas entidades organizam programas radiofônicos e estão a estreitar cada vez mais o intercâmbio cultural com o mundo intelectual brasileiro, cientes de que na fusão de duas culturas, cada uma com suas peculiaridades, muito se tem a ganhar.

(3) Cfr. seu artigo publ. no Livro Jubilar "Ukrainians in the Free World", Jersey City, N. Y. 1954.

IMPRESA — Os ucranianos não se descuidaram também de manter uma imprensa própria, como veículo de cultura e sustento da língua.

A idéia nascera já em 1904. Estudou-se, então, a possibilidade de importar da Europa tipos de imprensa ucranianos, organizando-se para esse fim um comitê especial em Curitiba. Mas o primeiro jornal, bissemanal, viria a aparecer somente em 15 de novembro de 1907, sob o nome de “Zoriá” (Estrêla), com uma tiragem inicial de 500 exemplares. Depois de três anos de vida, não conseguindo superar os obstáculos, a redação teve que suspender a sua atividade.

Em janeiro de 1910 surgia, sempre em Curitiba, continuando ainda a ser o único jornal editado em ucraniano na América do Sul, o segundo periódico, com o nome de “Prapor”, também bissemanal. Em dezembro do mesmo ano transferia-se êste, com redação e oficinas, para Prudentópolis, onde continuou a ser editado por algum tempo.

Seu desaparecimento deu lugar a duas grandes publicações editadas até hoje pelos Padres Basilianos em Prudentópolis: 1) “O Missionário Ucraniano no Brasil”, periódico mensal, de caráter religioso, órgão do Apostolado da Oração, fundado em janeiro de 1911; 2) o jornal “Prácia”, semanário, de caráter político-social e orientação católica, fundado em 1912.

Dentre as publicações que surgiram mais tarde, mantém-se até hoje ainda “O Lavrador”, semanário fundado em 1924 e editado em Curitiba pela “União Agrícola Instrutiva”.

REFLEXOS — Ao contrário do que vem acontecendo em outros países da América do Norte, como nos Estados Unidos e no Canadá, onde a imigração ucraniana constitui-se de um número maior, a influência que a cultura ucraniana exerce no Brasil, sobretudo no Paraná, é ainda de pouca monta, e pode chamar-se de pálidos reflexos.

Mesmo assim, na linguagem popular já são de uso neste Estado várias palavras tomadas do vocabulário ucraniano, por não se ter encontrado correspondente exato em português. Por exemplo: “borchtch”, uma sôpa típica ucraniana, feita com beterraba roxa da qual toma a côr, de sabor azedado, muito apreciada em todo o Paraná; “holubtzí”, cartuchos ou folhados contendo arroz ou quírra com carne moída, envolvidos em fôlhas de repôlho; “perohê”,

pasteis cozidos de requeijão com nata; “perêna”, acolchoado de penas, etc.

No Canadá exemplo desta influência viva é o fato de que aí várias Universidades, desde há muito, mantêm cursos de Ucrâniano, como as de Ottawa, Montreal, Toronto, Manitoba, Alberta e Saskatoon. Nos Estados Unidos últimamente foi também introduzido êste curso, na Universidade de Colúmbia e em outras. No Brasil, por enquanto, espera-se uma oportunidade mais favorável para fazer o mesmo.

Além da língua, outras manifestações da cultura ucraniana aos poucos vão sendo apreciadas, entrando no âmbito popular naquelas regiões do Brasil onde o elemento ucraniano está presente. Assim, por exemplo, a música, a dança típica e, sobretudo, a ornamentação artística de ovos-pasciais, vêm tendo larga aceitação do público brasileiro.

Nos Estados Unidos da América hoje em dia é largamente difundida a música ucraniana, sobretudo as canções e as sinfonias. Sirva de exemplo o famoso “Schedryk”, de Nicolau Leontovych, que, gravado sob o nome de “Bells”, é apreciado em todo o mundo (4). São também de grande aprêço os arquivos, bibliotecas e museus ucranianos, como os de Chicago, New York, Winnipeg, Saskatoon, Toronto e, principalmente, de Mundare. Aí os ucranianos fizeram erguer um museu típico, dirigido pelos PP. Basilianos, que é dos mais belos daquela província.

Convém lembrar, finalmente, que a cultura ucraniana não é estranha ao Ocidente, pois, já desde os tempos do Principado de Kyiv mantinha estreitos contatos com a cultura da Europa Ocidental! (5). A isto se refere o político ucraniano D. Andriyevskiy: “Desde os começos de sua história, a Ucrânia, cuja antigüidade é maior do que a da Rússia, orientava-se numa maneira distinta desta última. Enquanto a Rússia caiu debaixo da influência da Ásia Mongólica, que no Séc. XIII a inundou com as hordas de Gengis Khan, e só mais tarde encontrou-se com a Europa Ocidental, a Ucrânia, apesar de manter contatos antigos com a Ásia, assimilava, desde os princípios, as fontes da cultura européia ocidental...” (6).

Para remate dêste artigo vêm a propósito as palavras do Governador Geral do Canadá, Lord Tweedsmuir, em discurso proferido em 21 de setembro de 1936, aos ucranianos de Fraserwood,

(4) Cfr. J. Skwarok, OSBM: “The Ukrainian Settlers in Canada and their Schools”, Edmonton, Alberta — 1958, pg. 60.

(5) Cfr. Euhén Onatskyi: “Studi di storia e di cultura ucraina”, Roma 1939, pg. 38.

(6) Cfr. “Oriente Europeo”, Madrid 1957, n. 26, pg. 236.

Manitoba: “Já vos tornastes bons canadenses... O elemento ucraniano, entre outros, é uma contribuição de real valor para o nosso novo Canadá... Eu desejaria que recordasseis sempre as vossas antigas tradições ucranianas, vossas artes, canções populares, danças assim como as vossas lendas nacionais. Não acredito que uma nacionalidade possa tornar-se forte se ela não se recorda do seu passado e não estabelece contato com êle. A tradição ucraniana é tôda uma apreciável contribuição para a cultura canadense... Sereis melhores Canadenses sendo bons Ucranianos” (7).

No mesmo sentido diria mais tarde o Governador do Paraná, Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, aos imigrantes da Ucrânia, na celebração do centenário da emancipação política do Paraná, em 1953:

“Sereis tanto melhores brasileiros, quanto fôrdes bons ucranianos”.

(7) “You have become good Canadians... The Ukrainian element amongst others is a very valuable contribution to our new Canada... I would wish that you remember your old Ukrainian traditions, handicrafts, your folk songs, dances, as well as your national legends. I do not believe that any nationality can become strong if it does not remember and preserve contact with its past. Your traditions are all valuable contributions to Canadian culture... You will all be better Canadians by also being good Ukrainians” (Vide J. Skwarok: obr. cit., pg. 101).

C O N C L U S Ã O

C O N C L U S Ã O

Chegados ao t ermo do nosso estudo s obre a imigra o ucraniana no Brasil, impõe-se-nos ainda uma pergunta final: "Qual será o destino desta imigra o, para não dizer, das imigra es em geral?". A resposta t mo-la, em parte, já nos dados que acabamos de relatar e que são tão significativos de um processo, que se vai completando aos poucos. Este terá como resultado final a fusão das divergências de cada uma das imigra es para a forma o da  tnia e da cultura de um grande povo.

Este processo vem se fazendo desde os primórdios da humanidade, desde quando os homens, impelidos pela necessidade de buscar em outras regiões um nível de vida mais condigno, começaram a emigrar para outras plagas, abandonando seu pa  natal.

Foi assim que se formaram as na es européias, tôdas elas um mixto de várias raças que se degladiavam para possuir a mesma terra. Aqu les, porém, que não conseguiram fixar-se, deixaram, de qualquer modo, marcas de sua passagem, marcas que o tempo não tem podido destruir, como aconteceu, para citar um só exemplo, com os Mouros na Espanha.

Os povos que se fecharam às correntes migratórias, ou que não receberam, de modo algum, influxo de outras civiliza es, como os países da África, sobretudo central e meridional, ficaram fadados a viver em condi es de inferioridade e de sub-civiliza o. Hoje, como se v , muitos d eles vão se liberando aos poucos dessa infra-estrutura.

Assim, as diversas imigra es, cada uma a seu modo, contribuirão eficazmente na forma o do mosaico final de uma na o que, já possuidora dos requisitos para se dizer grande e nobre, tornar-se-  tanto maior e mais nobre, quanto mais ricas forem as fontes do seu desenvolvimento político, econ mico, cultural e moral.

Quantas gera es ainda serão necessárias para se completar esta evolu o   uma incógnita. O certo   que ela se efetuar . Ficarão, porém, os traços, restarão os monumentos característicos para testemunhar o contributo de uma outra civiliza o na concretiza o do ideal supremo da na o brasileira.

B I B L I O G R A F I A

B I B L I O G R A F I A

- AILLAUD L. e POZZANI S. — Ucraina — cenni storici ed economici. Milano 1941.
- ARMSTRONG JOHN A. — Ukrainian Nationalism. New York 1955.
- BARTOLOTTI DOMENICO — Alcune verità sulla Emigrazione Italiana. Milano 1953.
- BONDIOLI RICCARDO — Ucraina — “Terra del pane”. Milano 1941.
— Ucraina — “La terra martire ed indoma”. Milano 1939.
- BRAWER A. J. — Galizien — wie es an Osterreich kam. Leipzig — Wien 1910.
- DIELS RUDOLF — Lucifer ante Portas. Zürich.
- GAROSCI ALDO — L'espansione coloniale europea. Torino 1957.
- HRUSHEVSKY MICHAEL — A History of Ukraine. New Haven (USA) 1948.
— Istorìa Ucrainy: vol. I-X. 1954 (em ucraniano).
- INSABATO ENRICO — L'Ucraina — popolazione ed economia. Roma 1938.
- Enciclopèdia Ucrainiana. München — New York 1949.
- Enciclopèdia Americana — vol. XXVII. New York — Chicago — Washington 1958.
- Enciclopèdia Italiana — vol. XXVIII. Milano 1935.
- Enciclopèdia URSS — vol. 44. Moscou 1956. vol. 50 — N. avulso. Moscou 1957.
- KRUPNYCKYI BORYS — Geschichte der Ukraine. Leipzig 1943.
- MANNING CLARENCE A. — The Story of the Ukraine. New York 1947.
— Twentieth Century Ukraine. New York 1951.
— Ukraine under the Soviets. New York 1953.
- MARTOVYCH OLEH — Por la Libertad de Ucrania. Buenos Aires 1952.
- NAZARKO IRYNEI OSBM — Sviatyi Volodymyr Velykyi Volodar i Chrestytel Russy Ukrainy. Roma 1954 (em ucraniano).

- PRIMI INCATENATI — Libro bianco sulla persecuzione religiosa in Ucraina. Roma 1953.
- ROUCEK JOSEPH — Slawonic Encyclopaedia. New York 1949.
- RUDNIZKYI STEFANO — L'Ucraina e gli Ucraini. Roma 1914.
- RUDNYZKYI J. B. — The Term and Name "Ukraine". Winnipeg 1951.
- TESLA IWAN — Heohrafia Ucrainy. Toronto — New York 1957 (em ucraniano).
- SIDOBRE ANDRE' — Les Problemes Ukrainiens et la Paix Européenne. Paris 1939.
- SIMPSON G. W. — Ukraine — an atlas of its history and geography. Augsburg 1946.
- STEBNITZSKY P. — L'Ukraine et les Ukrainiens. Berne 1918.
- STECHISHIN SAVELLA — Traditional Ukrainian Cookery. Winnipeg 1959.
- SKWAROK J. OSBM — The Ukrainian Settlers in Canada and their Schools. Edmonton — Alberta 1958.
- TISSERAND ROGER — L'Ukraine — la vie d'un peuple. Paris 1933.
- TOUGOUCHI-CAIANNÉE MARC — U.R.S.S. — Face au Problem des Nationalites. Solédi (Belgique) 1946.
- UKRAINIANS IN THE FREE WORLD. Jersey City, N. Y. 1954.
- UKRAINIAN ARTS (by the Ukrainian Youth's League). New York 1955.
- WELEKYJ ATHANASIU OSBM — Documenta Pontificum Romanorum Historiam Ucrainae Illustrantia: sect. III, Ser. II, vol. I, II. Roma 1953-54.
- WIHORYNSKYI IRENEU OSBM — Iracema — Os Imigrantes Ucrainianos no Brasil. Prudentópolis — Paraná 1958 (em ucraniano).
- ZINKO BASÍLIO OSBM — Escolas Particulares da Imigração Ucraniana no Brasil. Prudentópolis 1960 (em ucraniano).

J O R N A I S E R E V I S T A S

- ALMANAQUE dos Estudantes Basilianos no Brasil. Iracema. Prudentópolis 1946.
- "Algo sôbre a Ucrânia", sua Igreja, sua cultura e seu povo. Curitiba 1958.
- "AMÉRICA", Filadelfia 1956: Ns. 96, 97, 99, 100, 101, 102, 104.

BOLETIM do Ordinariato dos Católicos de Ritos Orientais no Brasil. Rio de Janeiro 1955, N. 2.

BOLETIM do Ofício Comercial do Govêrno Brasileiro em Roma: 1954-1960.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo: 26.4. e 3.5.1959.

CORRIERE DELLA SERA. Milano: 16.7.1959.

ORIENTE EUROPEO. Madrid 1957, N. 26.

OSSERVATORE ROMANO. 12.9.1958.

PANORAMA. Curitiba 1959, N. 81.

PRÁCIA. Prudentópolis — Pr. 1956. N. 32-33, 34.

SUTCHASNA UCRAINA. München, 1959, N. 26.

UCRAINS'KA DUMKA. Londres 1960, N. 8.

UCRANIA LIBRE. Buenos Aires 1953-1956.

UKRAINIAN QUARTERLY. New York 1944-1960.

